



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

LUANA MOURA SANTOS

“DE CRIATURAS A CRIADORAS”: O jornal *A Família*, de Josephina Álvares de Azevedo (São Paulo e Rio de Janeiro, 1888-1894).

LUANA MOURA SANTOS

“DE CRIATURAS A CRIADORAS”: O jornal *A Família*, de Josephina Álvares de Azevedo (São Paulo e Rio de Janeiro, 1888-1894).

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Olívia Candeia Lima Rocha

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S237c Santos, Luana Moura

“De criaturas a criadoras” : o jornal *A Família*, de Josephina Álvares de Azevedo (São Paulo e Rio de Janeiro, 1888-1894) [recurso eletrônico] / Luana Moura Santos -- 2023.

54 f.

1 Arquivo em PDF

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-CSHNB
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciado em História, Picos, 2023.

“Orientadora : Dra. Olívia Candeia Lima Rocha”

1. História do Brasil. 2. Jornal *A Família*. 3. Imprensa feminina. I. Rocha, Olívia Candeia Lima. II. Título.

CDD 981

Emanuele Alves Araújo CRB 3/1290

LUANA MOURA SANTOS

“DE CRIATURAS A CRIADORAS”: O Jornal *A Família*, de Josephina Álvares de Azevedo (São Paulo e Rio de Janeiro, 1888-1894).

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em História, pela Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros.

Orientadora: Profa. Dra. Olívia Candeia Lima Rocha

Aprovado em: 23 de março de 2023.

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Olívia Candeia Lima Rocha- Orientadora
Universidade Federal do Piauí- UFPI



Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro – Examinador Interno
Universidade Federal do Piauí- UFPI



Profa. Ma. Erika Ruth Melo da Silva - Examinadora Externa
Secretaria de Mulheres do Piauí – SEMPI

Aos meus pais, meu irmão e meus avós paternos (*in memoriam*), pois foram eles que me ensinaram a ser forte e a sonhar grande.

AGRADECIMENTOS

“Tudo no mundo começou com um sim” (Clarisse Lispector, 1998, p. 14). E como bem disse Lispector, com este trabalho não foi diferente. Se hoje essas linhas existem, foi graças ao “sim” de muitas pessoas. Em virtude disso, quero deixar registrado a minha mais profunda gratidão a todos aqueles que participaram dessa caminhada comigo, familiares e amigos.

Começando pelos meus pais, Raimundo e Maria, por terem me amado incondicionalmente durante esses 22 anos de vida. Obrigada por acreditarem em mim, por me acolherem e por não medirem esforços para me ver bem e feliz. Por vocês vale a pena, e como vale.

Ao meu querido irmão, Lucas, por sempre me dar forças e me amparar quando mais preciso. Obrigada por ser meu ponto de apoio e por me trazer o sol nos meus piores dias. Te amo para além do amor.

Aos meus avós paternos (*in memoriam*) por terem ajudado na minha criação. Com vocês aprendi sobre respeito, solidariedade e, principalmente, amor. (Saudades eternas).

Aos meus professores, amigos, e hoje, colegas de profissão, Waldir e Evanel, obrigada por aqueles domingos calorosos em meados de 2017, quando me abrigaram em sua casa e me deram carona para fazer a prova do Enem. Se não fosse por vocês, nada disso estaria acontecendo.

Aos meus tios, Carleusa e Ciro, por terem acolhido a mim e ao meu irmão quando nos mudamos para Picos em 2018. Gratidão pela ajuda de sempre.

Meus colegas de curso e amigos do coração: Tarcísio, Manuela e Marcelo. Graças a vocês meus dias na UFPI foram mais leves. Vocês me mostraram que amizade é matéria de salvação e que somos nós que damos significado a vida dos nossos amigos, porque vocês deram significado a minha. Obrigada por fazerem da minha vida um lugar melhor.

À minha orientadora e amiga, Profa. Dra. Olívia Candeia Lima Rocha, pelas infindáveis contribuições com meu trabalho e pela paciência de sempre. Esse texto existe porque a senhora acreditou em mim, e, que eu conseguiria. Companhia certa nas veredas da história.

À minha cunhada, Maria Vitória, pela amizade, por me alimentar e acolher em sua casa quando mais preciso. Obrigada, “Mary”.

Meus amigos Everton, Débora, Lucas, Brenda, Marcos Paulo, Vinícius, Iago, Larissa, Loysla, Welligton, Leneilson e Joana gratidão pelas trocas de conhecimento e risadas bobas na

cantina da UFPI e no Nupedooch. Graças a vocês minhas tardes na universidade foram mais suportáveis.

À Dona Sueli, pelas caronas da UFPI para casa e pelos valiosos ensinamentos sobre a vida, principalmente, sobre o casamento (risos). Guardarei para sempre seus conselhos.

Ao Programa de Educação Tutorial – PET Cidade, Saúde e Justiça por ter me proporcionado uma experiência ímpar durante a graduação e uma bolsa para continuar meus estudos até o final da minha jornada acadêmica. A pessoa que me tornei hoje devo grande parte ao grupo. Por essa razão, “obrigada” é uma palavra pequena demais para expressar o tamanho da minha gratidão ao programa.

Aos meus amigos petianos Almir, Alice e Rafael, agradeço a amizade sincera, e, principalmente, por terem me suportado durante esses quase 4 anos de grupo. Obrigada por dividirem comigo um pouco de suas vidas. A pessoa que me tornei hoje também devo a vocês.

Ao Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos, tutor do PET, pelos valiosos ensinamentos e por sempre me socorrer quando preciso. Obrigada por ser essa pessoa acessível e humana com os seus alunos.

Ao professor Dr. Gleison da Costa Monteiro pelas grandes contribuições com meu trabalho e por ser um profissional comprometido com o seu papel.

Ao Eurico, por acreditar mais em mim do que eu mesma, e por sempre me fazer enxergar a vida de uma forma mais leve. Seu apoio foi e é muito importante para mim. Obrigada, “Patinho”.

A todos aqueles que acreditaram em mim e me deram forças para continuar, sou fruto da confiança de vocês. Este trabalho por sinal é resultado da soma de muitos esforços. Por esse motivo, deixo aqui registrado a minha mais profunda gratidão a todos.

RESUMO

O presente trabalho busca fazer uma análise do jornal *A Família*, de propriedade da jornalista pernambucana Josephina Álvares de Azevedo, entre os anos que circulou pelo Brasil de 1888 a 1894, a partir de exemplares encontrados no acervo digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Este jornal e sua autora fizeram grande campanha em prol dos direitos femininos no Brasil durante o século XIX. Por isso, tomando-o como base para o estudo da história, partiremos de sua materialidade para entendermos como mulheres passaram da condição de criaturas (retratadas) para criadoras (autoras). Destaca-se que foram analisadas questões relacionadas ao contexto histórico do período, a criação do jornal, ao engajamento político de sua criadora e as táticas femininas de escrita para circulação do periódico. Nesse caso, para o desenvolvimento do trabalho discutimos com autores como: Constância Lima Duarte (2016), Nicolau Sevcenko (2003) José Murilo de Carvalho (1990; 1987), Olívia Rocha (2011) dentre outros; que nos forneceram os postulados teóricos para a análise do referido periódico.

Palavras-chave: *A Família*. História do Brasil. Imprensa feminina. Josephina Álvares de Azevedo.

ABSTRACT

The present work seeks to analyze the newspaper *A Família*, owned by the Pernambuco journalist Josephina Álvares de Azevedo, between the years it circulated in Brazil from 1888 to 1894, based on copies found in the digital collection of the National Library of Rio de Janeiro. This newspaper and its author campaigned extensively for women's rights in Brazil during the 19th century. Therefore, taking it as a basis for the study of history, we will start from its materiality to understand how women passed from the condition of creatures (portrayed) to creators (authors). It is noteworthy that issues related to the historical context of the period, the creation of the newspaper, the political engagement of its creator and the female writing tactics for circulation of the periodical were analyzed. In this case, for the development of the work we discussed with authors such as: Constância Lima Duarte (2016), Nicolau Sevcenko (2003) José Murilo de Carvalho (1990; 1987), Olívia Rocha (2011) among others; which provided us with the theoretical postulates for the analysis of that journal.

Keywords: The family. History of Brazil. Women's press. Josephina Alvares de Azevedo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Edição especial do jornal <i>O Cachoeirano</i>	20
FIGURA 2 – Josephina Álvares de Azevedo.....	24
FIGURA 3 – Exemplar do Jornal <i>A Família</i>	30
FIGURA 4 – Edição especial do jornal <i>A Família</i> , em homenagem a Josephina de Azevedo.....	31
FIGURA 5 –Novo título do jornal <i>A Família</i>	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. JOSEPHINA ÁLVARES DE AZEVEDO E O JORNAL A FAMÍLIA: PROTAGONISMO E IMPRENSA FEMININA NO FINAL DO SÉCULO XIX.....	17
1.1 Josephina de Azevedo e a busca pelos direitos femininos no Brasil.....	17
1.2 A criação do jornal: <i>A Família</i>	26
2. “UM NOME DE PESO”: A FAMÍLIA: JORNAL LITTERARIO DEDICADO A EDUCAÇÃO DA MÃE DE FAMÍLIA.....	35
2.1 <i>A Família</i> : um jornal nada tradicional.....	35
2.2 Escritoras notáveis: As mulheres do jornal <i>A Família</i>	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

“Nós partimos, mas ficam os nossos feitos!”¹. De fato, como bem disse a escritora brasileira Maria Amalia²: nossos feitos ficam. E foi assim, com o jornal *A Família: jornal litterario dedicado a educacao da mae de familia*, da jornalista pernambucana Josephina Álvares de Azevedo. Esse periódico achado por nós em uma nota de rodapé, foi encontrado durante uma das leituras da disciplina de Gênero e História, ministrada pela Profa. Dra. Olívia Candeia Lima Rocha, no 7º período da graduação.

A partir disso, o interesse em pesquisar o jornal e sua proprietária partiram do desejo de entender como as mulheres escritoras do século XIX se utilizaram do espaço jornalístico para lutar pelos seus direitos, sabendo que ao final desse século no Brasil, a imprensa se proliferou como o principal meio de divulgação e propagação de ideias; considerando que a maioria das senhoras letradas³ da época se utilizaram desse espaço para buscar a igualdade de direitos entre os sexos.

Entre, principalmente, as mulheres da elite, um objetivo ganhou visibilidade a partir da sua aproximação com o campo jornalístico: o de saírem da condição de criaturas, que segundo Caroline Cavalcante (2017), devido às transformações no cenário nacional da época, com a Abolição da Escravatura e a chegada da República, várias mulheres encontram na imprensa a oportunidade para manifestarem suas vozes em busca de direitos.

Foi através dos impressos que algumas senhoras como Josephina de Azevedo ousaram levantar suas vozes a favor da emancipação feminina. Portanto, nossa análise parte da iniciativa de discutir um jornal criado e pensado por mulheres, para mostrar que, mesmo sob as condições mais difíceis, várias foram as senhoras que ousaram levantar a pena e escrever durante aquele período da história.

¹ AMALIA, Maria. *A FAMÍLIA*. São Paulo. edição: 02. dez. 1888. p. 5.

² Maria Amalia foi uma das primeiras colaboradoras do jornal de Josephina Álvares de Azevedo. No entanto, não encontramos informações referentes a sua vida pessoal e profissional. Nos acervos digitais a única escritora que aparece com esse nome é Maria Amalia Vaz de Carvalho, uma famosa jornalista lisboense do século XIX.

³ No caso do jornal *A Família*, destacamos que a grande maioria de suas colaboradoras eram mulheres brancas pertencentes a elite aristocrática da época, por isso, o perfil feminino do qual estamos nos referindo aqui são o das senhoras com poder econômico.

Dessa forma, os casos de Nísia Floresta Brasileira Augusta⁴ e Francisca Senhorinha da Motta Diniz⁵ são de certa maneira semelhantes ao da própria Josephina de Azevedo, nossa personagem; que foi professora, jornalista, abolicionista, republicana, ativista e, sobretudo, feminista, tudo isso em um período em que a mulher não tinha vez nem voz na sociedade, devido sua condição de inferioridade que lhes era culturalmente atribuída. Em virtude disso, seu nome aparece como uma das principais referências no campo do periodismo feminino brasileiro.

Pernambucana, nascida na cidade do Recife em 5 de maio de 1851 e falecida na cidade do Rio de Janeiro em 3 de setembro de 1913⁶, Josephina de Azevedo durante sua vida fez grande campanha em prol da educação e emancipação feminina no país, dado que, incomodada com a situação na qual as brasileiras se encontravam no período, para ela, era preciso lutar contra a tirania masculina que colocava a mulher numa condição de submissão ao homem.

Nesse caso, no ano de 1888 fundou na cidade de São Paulo seu jornal *A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe de familia*, que logo foi transferido para a cidade do Rio de Janeiro, em 1889. Procurando mudar a condição feminina na época, Josephina de Azevedo fez grande campanha a favor dos direitos das mulheres, principalmente, após a instalação do seu periódico na capital do Brasil.

A cidade do Rio de Janeiro, que naquele momento era a capital do Império e, posteriormente da República, concentrava quase toda produção literária nacional. Para jornalista, essa cidade dava maior visibilidade ao jornal e a sua causa. Por conseguinte, essa mudança de uma cidade para outra estaria atrelada aos interesses de Josephina de Azevedo em dar maior engajamento político ao seu número-programa.

Com as mudanças que vinham acontecendo no cenário nacional, devido ao contexto abolicionista e republicano, as senhoras letradas que faziam parte da classe mais abastada da sociedade, como ela, passaram a criticar os privilégios masculinos, a falta de um ideal nobre para a vida das mulheres e a reivindicar melhores condições de vida.

⁴ Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto nasceu em 12 de outubro de 1810 no Rio Grande do Norte e faleceu em 24 de abril de 1885 em Rouen, na França. Professora, escritora e poetisa, foi precursora dos ideais feministas no Brasil, em textos publicados em jornais foi a primeira a defender a educação feminina no país.

⁵ Francisca Senhorinha da Motta Diniz foi outro grande nome do periodismo feminino brasileiro. Nascida na cidade de São João Del Rei, Minas Gerais, foi escritora, educadora e jornalista. Dona de vários periódicos femininos, Francisca Senhorinha faleceu em 1910 na cidade do Rio de Janeiro deixando grande legado como militante dos direitos das mulheres.

⁶ Devido à escassez de informações quanto à vida pessoal da jornalista, existem muitas contradições a respeito do seu lugar de origem. No entanto, a própria Josephina de Azevedo atribui a sua origem a cidade de Pernambuco, quando em 1889 na edição de nº 41º do seu jornal escreve dizendo que Recife é sua terra natal.

A cidade do Rio de Janeiro, enquanto maior porto e centro urbano do país na época, era o local ideal para a circulação de um jornal como o *A Família*, enquanto capital e além de sede do poder político, continha significativo contingente populacional, o qual, passava a ganhar o *status* de grande metrópole brasileira. Ou seja, segundo Nicolau Sevcenko (1999), o Rio de Janeiro passava a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas, acima de tudo, os sistemas de valores, o modo de vida e o estado de espírito das pessoas.

Para a redatora, aquela era a oportunidade ideal para fazer com que a população conhecesse o recém-criado jornal, e junto com isso o desenvolvimento dos novos meios de comunicação, a imprensa enquanto principal veículo de informação da época, disseminava entre os brasileiros ideias de modernização e progresso da sociedade, o qual, segundo Aras e Marinho (2012, p. 103) “em virtude disso a imprensa feminina encontrou espaço para se desenvolver, mesmo sob o olhar desconfiado dos homens”. Ou seja, para Josephina de Azevedo, era o momento oportuno para fazer circular o seu jornal.

Desse modo, o periódico que circulou pelo Brasil entre os anos de 1888 e 1894⁷ chamou nossa atenção pelo seu trabalho em defesa dos direitos femininos como o voto, educação e a participação feminina na vida pública. De acordo Norma Telles (2015), em um período em que não se via de forma positiva mulheres envolvidas em ações políticas, Josephina de Azevedo foi responsável por realizar uma forte campanha, incentivando mulheres a saírem da sombra dos seus maridos.

Observamos que a jornalista foi uma das primeiras mulheres a lutar em prol dos direitos femininos no Brasil e que seu jornal foi um dos mais pertinentes periódicos femininos do século XIX, porquanto, segundo a pesquisadora Karine Rocha Oliveira (2009, p 5):

Foi em terras cariocas que a pernambucana Josephina Álvares de Azevedo sustentou o jornal feminino com maior longevidade da história do país e o único, até a presente data, que não abriu mão de sua luta, cedendo espaço para assuntos que não diziam respeito à emancipação feminina.

Desse modo, procurando mostrar que as mulheres não estavam alheias aos acontecimentos político e sociais do Brasil durante esse contexto de transformações. O jornal e o engajamento político de sua criadora nos serviram de base para a construção deste trabalho, em que se procurou analisar questões relacionadas à República, à História das Mulheres, à imprensa feminina e àquela sociedade brasileira de fins do século XIX.

⁷ O jornal de Josephina Álvares de Azevedo circulou efetivamente até o ano de 1897 no Brasil, no entanto, só encontramos publicações referentes até o ano de 1894 disponíveis no acervo digital da Biblioteca Nacional.

Levando em consideração nossa simpatia pelo campo da História Social, que segundo Déa Ribeiro Fenelon (1993) ofereceu a possibilidade de substituir perspectivas exclusivamente lineares de estudo, este trabalho nasceu do interesse de discutir o jornal para mostrar que durante esse período do final do XIX não só existiam “homens de letras”, mas também “mulheres de letras”, que como Josephina de Azevedo, usaram da escrita para adentrar novos espaços e ressignificá-los.

Mulheres essas que não queriam mais serem representadas pelos homens, e que, além do que, fizeram do campo da imprensa um importante espaço de resistência e representatividade feminina, visto que, ainda de acordo com Fenelon (1993, p. 76):

Não há como negar, foi a partir de suas concepções e perspectivas, (as da História Social) que os chamados “temas malditos”, ou seja, quase todos que tratam dos excluídos sociais, pobres, vagabundos, prostitutas, negros, mulheres, índios etc.; encontraram guarida nessa historiografia.

Foi a partir do campo da História Social que podemos analisar esses sujeitos antes esquecidos pela historiografia tradicional. Daí, a alegoria “De criaturas a criadoras”, porquanto a senhora Josephina de Azevedo achou degraus para subir na vida e fez história através do seu jornal, saindo do lugar comum que sempre fora reservado a mulher. Além disso, porque o jornal marca a passagem do lugar de representadas pelos sujeitos do sexo masculino para autoras do discurso, ou seja, de criaturas do lar a criadoras de histórias.

Nesse contexto, o jornal *A Família* teve grande influência entre as mulheres escritoras do século XIX, uma vez que, de acordo com Moura (2018, p. 83):

A rede de contatos criada pelo jornal *A Família* foi algo inusitado para a época. Josephina conseguiu, mesmo com toda a precariedade dos meios de comunicação do século XIX, montar uma rede de colaboradoras feministas vindas de norte a sul do país. É possível encontrar a colaboração literária de mulheres do Rio Grande Sul a Pernambuco, por exemplo, concluindo que os avanços das ideias feministas não se concentravam apenas nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Tendo em conta que estamos diante de um documento que mostrou de maneira consistente o outro lado da história brasileira, o lado referente às figuras femininas que não se contentavam mais com a posição de criaturas sem direitos, decidimos voltar nosso olhar um pouco mais para esses impressos, isto porque, “no pensamento de muitos, inclusive de estudiosos de Comunicação, a imprensa feminina resume-se em revistas de moda, culinária, fotonovelas, enfim, distração, lazer, consumo, para não dizer “alienação”. (BUITONI, 1986, p. 11).

Entretanto, pelo que podemos observar através do jornal *A Família*, a imprensa de mulheres não só reuniu pontos defensáveis, como também foi responsável por mobilizar

diversas senhoras letradas no período. O periódico, assim como: *O Sexo Feminino* e *O Jornal das Senhoras* dentre outros; foi um importante instrumento de comunicação e propagação de ideias entre as escritoras brasileiras oitocentistas.

Josephina de Azevedo, pelo que podemos notar, foi uma senhora que soube encontrar oportunidade em “brechas” contra o poder dos homens e que apostou na criatividade para isso, pois “sua biografia ainda obscura se torna algo menor se levamos em consideração a ousadia de seus escritos naquela sociedade brasileira de fins do século XIX” (MOURA, 2018, p. 76).

Por isso, tendo em mente essas questões, no que concerne que a metodologia deste trabalho, nossa análise se apoia no jornal *A Família*, especificamente nas edições publicadas entre os anos de 1888 e 1894, as quais foram coletadas no acervo digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Buscamos observar como aquelas mulheres se reinventaram dentro de um espaço considerado impróprio para o seu sexo, através de uma análise textual do jornal, bem como também examinar o contexto republicano, a escrita feminina, a imprensa de mulheres e as táticas femininas para fazer circular o jornal.

Partindo desses pressupostos nossos objetivos foram: a) observar o contexto histórico e a materialidade do jornal; uma vez que, para que possamos falar do periódico em si, é necessário primeiro que façamos uma introdução sobre o período no qual ele estava inserido; b) analisar a escolha do nome do jornal *A Família: jornal litterario dedicado a educacao da mae de familia* pela autora, a partir das principais ideias que circulavam na época.

Além do que, pretende-se mostrar como o nome das mulheres e suas ilustrações expostas pelo jornal ajudaram a divulgar o periódico, por essa razão que, pensando que o mesmo circulou por um longo período de tempo, se comparado a outros periódicos femininos da época, o peso de seu nome e o protagonismo de suas mulheres, junto aos aspectos trazidos pela redação, devem aparecer dentro de um mesmo conjunto de táticas femininas.

Por conseguinte, no que concerne as referências bibliográficas do trabalho, para falar sobre mulheres e a imprensa feminina no Brasil, utilizamos as seguintes autoras: Mary Del Priore (2020), Constância Lima Duarte (2016), Norma Telles (2015), Zahidé Muzart (2003), Olívia Candeia Lima Rocha (2011), Bárbara Souto-Maior (2013); que nos proporcionaram reflexões necessárias para pensar a condição feminina durante o século XIX e, como ela foi se modificando ao longo do tempo. No caso específico do jornal, essas e outras autoras nos ajudaram a refletir acerca de como o campo da escrita e o meio jornalístico foram primordiais para defesa dos direitos femininos.

Para refletir sobre o contexto histórico da época e as questões relacionada aos direitos civis e políticos, nos servimos das contribuições de autores, tais como: Nicolau Sevcenko (2003) e José Murilo de Carvalho (1990; 1987) para pensar a chegada da República e formação da cidadania dos sujeitos. Além desses, a autora Laila Thaís Correia e Silva (2017) também nos ajudou na discussão para pensarmos onde a figura feminina estava inserida nesse jogo de interesses republicanos.

Como suporte do estudo das táticas e artes de fazer das mulheres escritoras, destacam-se as ideias do historiador francês Michel de Certeau (2012). Esse autor nos ajudou a observar quais foram as principais astúcias de Josephina de Azevedo no que concerne a escolha do nome do jornal e a forma encontrada por ela para mantê-lo atuante durante tanto tempo. Fizemos uso de algumas contribuições do autor, uma vez que, entendemos como tática “a arte do fraco para se reinventar” frente as dificuldades, como fez a senhora Azevedo. (CERTEAU, 2012, p. 95). Ademais, fizemos ainda uma reflexão acerca das ilustrações femininas, para entender de que modo o material produzido pelo jornal escrito e não-escrito colocou as mulheres numa posição de protagonismo.

Assim sendo, no primeiro capítulo buscou-se refletir sobre o contexto republicano a partir de questionamentos relacionados a criação e materialidade do jornal *A Família*. Além de que, procurou-se também apresentar o âmbito social daquele período, principalmente, devido o advento da Abolição e da República, no recorte espacial da cidade do Rio de Janeiro e de suas efervescências políticas.

No segundo capítulo, procuramos discutir qual a relação entre o título do jornal escolhido por Josephina de Azevedo com o ideal positivista da época, uma vez que, o nome “*A Família*” traz consigo um ar meio “conservador” para o periódico. Tomando como base o contexto histórico no qual ele estava situado, a discussão nesta parte do trabalho procura mostrar se ambos tinham algo em comum e, principalmente, as principais táticas femininas encontradas pela redatora para o fazer circular o jornal durante tanto tempo.

Portanto, as questões que conduziram os capítulos e subcapítulos deste trabalho monográfico pretenderam analisar o jornal *A Família* e sua proprietária, a senhora Josephina de Azevedo, em ideias que perpassam a República, a sociedade brasileira de fins do XIX, a busca pelos direitos femininos na época, o papel da imprensa, e a escrita feminina. Procuramos não pôr um fim no estudo, mas incentivar outras escritas acerca das mulheres e suas obras ao longo da história.

1. JOSEPHINA ÁLVARES DE AZEVEDO E O JORNAL A FAMÍLIA: protagonismo e imprensa feminina no final do século XIX.

Neste capítulo buscamos apresentar o contexto republicano e a criação do jornal *A Família*, por Josephina Álvares de Azevedo; a partir de questionamentos relacionados à sua materialidade como criação, conteúdos, posicionamentos etc. Procurou-se também mostrar, como se deu a implantação da República no Brasil e os motivos por trás da criação do periódico pela jornalista pernambucana.

Partindo de questionamentos como por que se criar um jornal desses, se já haviam tantos na época? Este primeiro capítulo é voltado para uma apresentação do tema, no qual, dividimos nos tópicos: “1.1 A República e a busca pelos direitos femininos no Brasil” e “1.2 A criação do jornal *A Família*” buscamos a partir de alguns autores, como Nicolau Sevcenko (2003), José Murilo de Carvalho (1990; 1987) e Constância Lima Duarte (2016); discutir aspectos relacionados à chegada República; aos direitos femininos e a imprensa feminista no século XIX.

1.1 Josephina de Azevedo e a busca pelos direitos femininos no Brasil

Antes de adentrarmos na discussão do capítulo de forma mais aprofundada, é preciso que façamos primeiro uma apresentação do contexto histórico brasileiro no qual o jornal *A Família* estava inserido, já que, tomando-se como base a transição do Império para República durante esse período, é necessário que nossa discussão esteja situada no interior do seu contexto.

Por esse motivo, antes de falarmos sobre a criação do jornal e os aspectos relacionados a sua materialidade, abordaremos primeiro a respeito do período histórico no qual ele estava circulando. A partir de alguns estudiosos do tema da República no Brasil, observaremos o que o advento republicano trouxe de novo para os seus sujeitos, principalmente, as mulheres.

Nesse sentido, tomando como base o final do Império no Brasil, notamos que essa foi uma época caracterizada por grandes transformações e movimentações de ideias dentro do cenário político nacional. Isso porque, de acordo com Nicolau Sevcenko (2003), em finais do século XIX assistia-se no Brasil a transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade dos indivíduos.

Com a abolição da escravidão e as mudanças nos diferentes setores político, econômico, social e no campo da mentalidade coletiva, a ideia republicana tomava cada vez mais volume entre a população, já que durante essa época com as revoluções sociais que eclodiam pelo

mundo, começaram a ser trazidas para Brasil discussões relacionadas aos direitos políticos e a cidadania dos sujeitos.

A imprensa nesse cenário, enquanto principal meio de divulgação de ideias na época⁸, foi em grande parte responsável pela imagem que foi se construindo da República entre a população, sendo que, de acordo com José Murilo de Carvalho (2007, p. 189) a imprensa no Brasil criou elementos para disseminar conhecimento e fazer propagandas políticas. “Ela teve o papel de divulgar, comentar e avaliar publicações de cunho civilizador”.

Os jornais do período serviram como uma espécie de “correios” de notícias para a população, uma vez que, foram eles os principais responsáveis por divulgar informações para a sociedade oitocentista; fossem elas sentimentais, políticas, religiosas ou econômicas. À vista disso, os periódicos eram um importante espaço onde o debate intelectual acontecia, porque no que tange ao movimento republicano, os homens de letras vinham preparando o terreno para a chegada da República.

Além disso, cabe destacar que esses jornais eram dotados de grande poder na época, pois suas campanhas contra os velhos hábitos foram responsáveis pela manipulação de consciências da grande maioria da população no período. Devemos ter em mente que esses jornais aparentemente inofensivos eram ligados em sua grande maioria a algum partido político. Por isso, além de informações também propagavam ideologias.

No contexto Brasileiro do final do século XIX, mais de vinte periódicos de cunho republicano apareceram defendendo o novo regime. Dentre eles, como exemplo, destacamos: *A República* (RJ), de 1870, e *O Cachoeirano* (SC), de 1877. Não pretendemos abordar cada um deles detalhadamente, até porque esse não é o foco do nosso trabalho. Mas sim, trazer para o debate alguns fragmentos de suas publicações a respeito da chegada da República para incrementar nossa discussão.

Como estamos nos debruçando sobre o papel que a imprensa desenvolveu nessa conjuntura de consolidação do regime republicano, é válido observar exemplos do que se era publicado nesses jornais. No caso do jornal fluminense *A República*, de propriedade do Club Republicano do Rio de Janeiro⁹, esse periódico pregava que o país carecia de uma nova ordem organizacional, assim que em seu manifesto antimonárquico dizia:

⁸ De acordo com Nelson Sodré (1999) no Brasil, o surgimento da imprensa se deu de maneira diferente se comparado a outros países. Alguns impasses, como, principalmente, as condições coloniais, não geraram condições necessárias para sua implantação no território. Por isso, foi somente após a vinda da família real em 1808 que a imprensa régia brasileira vai ser fundada dando início a circulação dos impressos.

⁹ O jornal *A República*, fundado no Rio de Janeiro pelo diplomata Salvador Mendonça em 3 de dezembro de 1870, circulou em território nacional até o ano de 1874. Durante sua circulação, contou com a participação em sua

De todos os angulos do paiz surgem as queixas, de todos os lados políticos surgem os protestos e as revelações estranhas que denunciam a existencia de um vicio grave, o qual põe em risco a sorte da liberdade pela completa annullação do elemento democratico (MANIFESTO, 1870, p. 1).

O comentário em destaque faz parte do chamado “Manifesto Republicano” que foi publicado pelo jornal na época. Este endereçava críticas ao regime imperial e a seus vícios, e propunha a criação de uma República Federativa no Brasil, em que prevalecesse a soberania do povo, uma vez que, a política do imperador segundo os redatores deste jornal era de corrupção e egoísmo com a população brasileira. Por causa disso, era necessário extingui-la para sempre do país.

Á vista disso, “O sentido da república não significava simplesmente a defesa de uma forma de governo que se contrapunha à monarquia. Ela aparecia como uma forma de governo com um caráter curativo para o Brasil” (PESSANHA, 2006, p. 20). Ou seja, para esses jornais de propaganda republicana, o republicanismo era a resposta para todos os males brasileiros na época, somente ela, a República, poderia salvar o Brasil da monarquia portuguesa.

Compartilhando dessa ideia, o jornal *O Cachoeirano* (ES)¹⁰, de propriedade de Luiz de Loyola e Silva também foi um dos muitos que trabalhou em prol do novo regime. Seu editorial propagava que a República iria difundir os auspícios da mais absoluta liberdade pelo Brasil, que “esse magno interesse social corresponde a um dos maiores deveres do governo republicano: e sustentar com a doutrina a esperança de todos os desalentos é um dos objectivos da nossa propaganda e uma das obrigações do nosso partido”. (AO PARTIDO, 1889, p. 2).

O jornal, assim como muitos outros espalhados pelo território nacional, defendia que a República era a forma de governo ideal para o Brasil naquele momento, já que nas suas crenças era o governo da ordem, do progresso da nação, do bem-estar social, e da prosperidade de todas as classes. Corroborando com a situação, a crise e decadência do regime imperial, notamos que os discursos divulgados pela imprensa quanto ao regime republicano ganhavam cada vez mais espaço no período.

Criou-se a noção de que o novo regime ajudaria o país a sair de vez das correntes do seu passado colonial rumo ao progresso da nação. Não é à toa que muitos dos jornais publicaram

redação de Quintino Bocaiuva, Aristides Lobo, Lafayette Rodrigues Pereira; entre outros grandes nomes da época. O jornal foi um importante defensor dos ideais republicanos no período e atualmente encontra-se disponível no acervo digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=138916&pagfis=3&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em: 4 jan. 2023.

¹⁰ *O Cachoeirano*, jornal de Cachoeiro de Itapemirim (ES), foi fundado pelo comerciante Luiz de Loyola e Silva em 1877, e circulou sob sua direção até o ano de 1909, o qual, durante esses anos, fazia propaganda a favor do movimento republicano no Espírito Santo e no Brasil. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217719&pesq=&pagfis=1>. Acesso em: 4 jan. 2023.

edições especiais no ano de 1889 comemorando a sua chegada, como uma forma de homenagear a *O Cachoeirano* na faz uma pequena governo provisório.



República. O jornal sua edição de 1889 homenagem ao novo

Figura 1: Edição especial do jornal *O Cachoeirano*, em homenagem a chegada da República no Brasil, no ano de 1889a.

Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

Observamos com base nesses dois fragmentos, que a imagem que foi se criando da República era de uma perspectiva em que se acreditava em uma futura “idade do ouro” no país, visto que, sua imagem foi atrelada junto às ideias de igualdade e liberdade que foram propagadas pela imprensa. De acordo com José Murilo de Carvalho (1990, p. 20), “Era a República das grandes ideias mobilizadoras do entusiasmo coletivo, da liberdade, da igualdade, dos direitos universais do cidadão”.

Fruto de uma falsa concepção de progresso que se formou na época entre os intelectuais e cientistas, em que se tinha a convicção de que, com o passar dos anos no Brasil, todos os brasileiros conquistariam plenos direitos, assim como afirma Carvalho (1987) o entusiasmo e as expectativas despertadas nas camadas mais pobres da população, pela chegada do novo regime provinham de promessas democratizantes feitas nas conferências públicas e na imprensa do período.

O papel da imprensa diante disso foi fator primordial para a consolidação do ícone republicana entre a população, por esse motivo que, fazendo campanha contra os velhos hábitos imperiais, ela foi responsável por disseminar uma série de novos costumes e ideias entre a sociedade brasileira; a maioria delas ligadas aos ideais de modernização do país.

Segundo Nicolau Sevcenko (2003) a imprensa durante o século XIX foi a nova grande força que absorveu quase toda atividade intelectual do período. Seu papel estava tanto relacionado a informar como comunicar pessoas. Além disso, ela também desenvolveu papel de destaque fazendo campanhas políticas e disseminando teorias através de suas propagandas, como aconteceu no caso republicano.¹¹

Nesse contexto, é interessante observamos como o advento republicano marca de forma antagônica os diferentes sujeitos brasileiros na época, porquanto, com o alongamento das possibilidades de vida, devido às tensões geradas pela ampliação dos espaços, com a abolição da escravatura e as mudanças nos diferentes setores com a República, diversos indivíduos viram naquele momento uma chance de integração e aquisição de direitos.

Diante de todas as propagandas, acreditou-se firmemente que a aquisição dos direitos e da cidadania republicana eram só questão de tempo. Como era o então “governo da liberdade e da igualdade” tinha-se nele grande esperança. No entanto, notamos que essa expectativa despertada pelo final da Escravidão não se concretizou, em razão de que os sujeitos antes eram excluídos do processo político continuaram marginalizados dentro da nova sociedade que então se formava no país.

As mulheres, os ex-escravizados, as populações rurais que viviam no campo e as populações mais pobres das cidades continuaram negligenciados pelo governo no quesito cidadania e direitos. No caso das mulheres, essas permaneceram excluídas da vida política até boa parte do século XX, por isso que, segundo Laila Correia e Silva (2018) a questão feminina ficava no fundo da gaveta dos projetos da recente República.

Somente alguns pouco puderam desfrutar das vantagens oferecidas pela República no país, e não por acaso eram os mesmos senhores coloniais de antes. Nesse caso, notamos República das “grandes ideias”, da “igualdade e liberdade” dos indivíduos, ao invés de inclusão como prometia acabou entregando exclusão, dado que, após sua implantação, fez muito pouco em termos de expansão de direitos civis e políticos para a população brasileira.

O novo regime não chegava para todos e demonstrando seu incômodo com aquela realidade na qual as brasileiras se encontravam, segundo Zahidé Muzart (2003) Josephina

¹¹ Em fins do XIX, os jornais brasileiros se dividiram entre os que pregavam a morte da monarquia e os que defendiam o novo modelo político no país.

Álvares de Azevedo reivindicando a igualdade e os direitos prometidos pela República, publicou uma série de artigos sobre as questões principais que a moviam no período: a educação e o sufrágio feminino.

A jornalista pernambucana imersa aos debates em torno da cidadania e, principalmente, dos direitos políticos, devido as mudanças sociais e redefinição desses no período, percebeu que era preciso fazer alguma coisa em prol das brasileiras, em razão de que, se tudo havia mudado, o espírito feminino não podia ficar o mesmo de antes. Dizia ela um ano após a implantação da República:

A pátria é livre, a sociedade brasileira vai reconstituir-se sob as bases de uma prometida política libérrima, de vistas amplas, de princípios victoriosos. Mas em meio de tudo isso o que ficará sendo a mulher brasileira? Qual o destino que lhe reservam no conflito da vida nacional? (AZEVEDO, 1889a, p.1).

Nesse trecho, notamos que preocupada com o lugar da mulher dentro da nova sociedade que então se formava no Brasil, de acordo com Constância Lima Duarte (2016, p. 313) “lança mão na época de um intenso trabalho de militância feminista, protestando contra a insensibilidade masculina em não reconhecer o direito da mulher ao ensino superior, ao divórcio, ao trabalho remunerado e ao voto”.

Criticando abertamente na época a falta de um ideal nobre para vida das mulheres, Josephina de Azevedo fundou em São Paulo, no ano de 1888, seu jornal *A Família: jornal litterario dedicado a educacao da mae de familia*, que segundo Cavalcante (2017, p. 21):

[...] tinha bem claro nos objetivos de seu jornal a necessidade da emancipação feminina e sabia que para isso seria imperioso que cada vez mais mulheres tomassem consciência da situação injusta em que se encontravam, que tivessem acesso a uma educação libertadora, que se reunissem e debatessem o assunto, ou seja, que tivessem voz.

Ao adentrar no mundo erudito da imprensa oitocentista, a jornalista pernambucana deixa bem claro quais eram seus objetivos com a fundação do seu periódico: lutar pela emancipação feminina; incentivar as mulheres a sair da sombra dos seus maridos e defender os interesses femininos, uma vez que, afirma:

A’ mulher como ao homem, deve competir a faculdade de preponderar na representação da patria. Queremos o direito de intervir nas eleições, de eleger e ser eleitas, como os homens, em igualdade de condições. Ou estaremos fóra do regimen das leis criadas pelos homens, ou teremos também o direito de legislar para todas. Fóra d’isso, a igualdade é uma utopia, senão um sarcasmo atirado a todas nós (AZEVEDO, 1889b, p. 1).

Usando do campo das letras como estratégia de militância em prol da emancipação feminina e motivada pelos ideais liberais do período, Josephina de Azevedo procurou através

da imprensa divulgar suas ideias em defesa da causa feminina pelo país. Não é à toa que foi considerada por muitas estudiosas como uma das feministas mais radicais da virada do século XIX no Brasil.

Nesse sentido, podemos observar que chegada da República marca a jornalista de duas formas a primeira de frustração; uma vez que, acreditava que com o novo regime viriam os direitos femininos. A segunda, gerada pela frustração, é a de luta, dado que, após 1889, Josephina de Azevedo saía em busca daquilo que o novo regime não trouxe para as mulheres.

A fundação do seu jornal nessas circunstâncias marca o início da busca de Josephina Álvares de Azevedo pelo domínio de si no Brasil, porquanto, de acordo com Duarte (2016) não foi preciso muito tempo para que ficasse claro o quão feminista era o periódico *A Família*. Esse além de defender fortemente a emancipação e o sufrágio feminino, criticou abertamente a postura machista e conservadora de vários homens na época.

Além disso, o engajamento político de sua criadora fez dela uma das pioneiras na luta contra a opressão masculina, assim que de acordo com Dulcília Buitoni (1896, p. 53)¹²:

As idéias mais contestadoras vieram de Josephina Álvares de Azevedo, irmã do poeta Álvares de Azevedo. Apesar do nome de seu jornal – A Família – sugerir uma cabeça mais conservadora, seus pensamentos eram bastantes avançados. Josephina era favorável ao divórcio e achava absurdo que “no homem residirá sempre o princípio da autoridade” [...].

Josephina de Azevedo teria feito parte do primeiro grupo de mulheres com consciência feminista no Brasil, junto a grandes nomes do século XIX como Nísia Floresta, Francisca Senhorinha da Motta Diniz, fez história ao tomar para si a reivindicação do exercício dos direitos civis e políticos das mulheres.

Utilizando da literatura para intervir na realidade, devido à valorização dessa no período pelos intelectuais, a jornalista remete sua escrita à emancipação da mulher, pensando no seu periódico como uma forma de incentivar a instrução feminina e protestar contra o descaso com que as mulheres eram tratadas pelos chefes do governo.

A literatura que segundo Sevckenko (1999) passou a dominar toda a área cultural do país, tinha forte influência e poder no meio social da República. Nesse cenário favorável de mudanças, Josephina de Azevedo teria pensado na criação do seu jornal como instrumento para não só transformar a realidade, mas também inserir a mulher no mundo erudito da palavra escrita.

¹² A vida pessoal de Josephina Álvares de Azevedo ainda é obscura dentro do campo da historiografia brasileira. Existem muitas contradições entre as estudiosas a respeito do seu local de origem e grau de parentesco com o poeta Álvares de Azevedo, por isso, neste caso, não podemos afirmar que eles eram irmãos nem primos, já que, essas informações são apenas especulações.



Figura 2: Josephina Álvares de Azevedo, retratada por L. Amaral.
Fonte: Acervo Valéria Andrade Souto-Maior.

Além disso, o jornal não foi o único empreendimento da jornalista pernambucana na luta contra o sistema patriarcal. Josephina de Azevedo também escreveu a peça *O Voto Feminino* em abril de 1890, onde segundo Mônica Karawejczyk (2018, p. 314) “a peça teatral enfatiza os principais argumentos prós e contra a inclusão das brasileiras nas lides eleitorais, expondo algumas pautas que estavam em voga na época sobre a polêmica questão”.

À medida que o século avança, a discussão sobre o voto feminino ganhava cada vez destaque entre as senhoras da elite, isso porque, inconformadas de não poderem participar das decisões políticas do país, para essas mulheres a baixa participação feminina na vida política nacional configurava fator de grande preocupação quanto aos rumos que o país iria tomar com a República.

Nesse quadro, a feitura da peça não era algo isolado no período, pelo contrário, era o reflexo de um movimento que se criava entre as senhoras da classe mais abastada da sociedade e o começo de um grande embate entre duas forças conflitantes, assim dizia Josephina de Azevedo (2018, p. 35) “o direito de voto às mulheres é de uma equidade irresistível. Não estamos fora das leis. A sociedade nos impõe deveres como aos homens. Como eles, temos responsabilidades morais e legais.”

Ou seja, a elaboração da obra teatral pela jornalista representava sua indignação com a injustiça masculina contra as mulheres. A peça teatral, *O Voto Feminino*, foi elaborada em gênero de comédia, na qual Josephina de Azevedo fez questão de usar ao seu favor a piada como sua principal arma. De acordo com Karawejczyk (2018) essa estratégia de usar da comédia para falar de assuntos sérios permitiu que ela tocasse em assuntos caros para a sociedade com muito mais liberdade do que ela poderia tratar no seu jornal.

Procurando enfatizar a participação feminina no mundo político, buscou por meio da imprensa e do teatro reiterar seus pedidos pela educação e o direito ao voto das mulheres. Mostrando que estava a par das mudanças que vinham acontecendo no país, a jornalista pernambucana pregava que para o bom desenvolvimento do país era preciso que a mulher tivesse as mesmas condições da figura masculina.

Nesse contexto, de acordo com Cavalcante (2017) é interessante analisarmos que o jornal *A Família* foi lançado poucos meses após a abolição da escravatura, quando o país vivia um momento de mudanças, essas mesmas que conferiram a jornalista esperança de que o papel da mulher viesse a se modificar, porquanto, “tempos promissores” eram vistos por ela e por suas colegas com fim do sistema escravocrata no Brasil.

No entanto, pelo que podemos perceber, o final da escravidão não era sinônimo de inclusão, uma vez que os ex-escravizados continuaram sendo tratados como seres a margem da sociedade. De acordo com Sevcenko (1999) a insegurança e a miséria entre a sociedade brasileira da época se concentram em sua grande maioria entre esses indivíduos, uma vez que, foram populações de pessoas que sofreram com o abandono e desprezo do governo desde o início dos tempos.

A formação da sociedade brasileira diante disso é marcada por um sistema que durante séculos, manteve milhares de pessoas pobres, negras e mulheres sob o poder dos senhores de engenho (brancos). E mesmo após a abolição, os ex-escravizados (agora na condição de pessoas livres) ainda enfrentaram grandes dificuldades no âmbito social, pois “a pecha de vagabundos e ociosos, desorganizados social e moralmente, lhes foi atribuída na visão daqueles que reconstruíram o país após a desmontagem do regime do escravista”. (WISSENBACH, 1998, p. 52)

O governo que se formou após esse acontecimento reservou “um lugar especial” para cada sujeito, porque a sociedade oitocentista era permeada pelos marcadores sociais do racismo, da violência de gênero, da desigualdade social, do patriarcalismo dentre outros. Lima Barreto, grande literato brasileiro, neste caso, fez da sua produção literária uma ferramenta para denunciar a discriminação racial e à exclusão social que as populações negras sofriam dia após dia no período republicano.

Em sua primeira obra publicada: *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* (1909) fez uma crítica ao jornalismo e aos mecanismos de poder que eram responsáveis na época por colocar os negros em posição de inferioridade perante a então formada sociedade republicana. Para ele, que não só viveu, como sentiu na pele os efeitos de ousar ser um homem negro em um

espaço dominado por brancos, o sistema escravista não tinha acabado com a abolição, pelo contrário, ele estava enraizado nos costumes mais simples da nova sociedade.

Nesse quadro, a frase “República para todos” ficava apenas na cabeça de seus idealizadores, pois de acordo com Sevcenko (2003) a “jovem República” que nasceu tão promissora, tão cheia de esperanças por parte dos diferentes grupos sociais, havia se transformado, no “paraíso dos mediócras”, uma vez que, mudava-se pouca coisa dentro do cenário nacional em relação ao antigo regime imperial e aos direitos civis.

No caso da figura feminina dentro do novo regime, Josephina de Azevedo defendia nas páginas do seu jornal que as mulheres que eram mães, nada perdiam em se tornar cidadãs, deixando claro que o trabalho não atrapalhava em nada a vida da mulher, além de almejar direitos, para a autora, estas figuras deveriam estar inseridas nas mais variadas camadas da nova sociedade.

Josephina de Azevedo defendia não apenas o direito à educação, mas a emancipação feminina como um todo, englobando questões de cidadania e trabalho. Através da criação do seu jornal observamos que para a autora deveria haver uma igualdade plena entre os sexos, em que todos tivessem mesmas chances e condições. A criação do jornal *A Família*, o qual nos debruçaremos a seguir, marca o início da longa campanha da jornalista pernambucana na imprensa oitocentista.

1.2 A criação do jornal *A Família*

É esse entusiasmo que me arroja a esta propaganda, por amor deste Brasil, que me viu nascer, e que eu desejo ver engrandecido ao apogeu de todas as glórias, e em cujo seio a mulher seja nobre, instruída e livre” (AZEVEDO, 1888a, p. 2).¹³

O jornal que tinha por título *A Família: jornal litterario dedicado a educacao da mae de familia* foi um empreendimento da jornalista pernambucana Josephina Álvares de Azevedo contra o sistema patriarcal oitocentista, após sua fundação, a jornalista o transformou em um importante instrumento de combate à opressão e a insensibilidade masculina em relação aos direitos e a participação das mulheres na sociedade da época.

Com oito páginas, divididas em três colunas, o jornal *A Família* foi uma importante ferramenta para a luta feminista no Brasil durante o século XIX, uma vez que, segundo

¹³ Fala de Josephina Álvares de Azevedo na primeira edição do seu jornal, no ano de 1888.

Constância Lima Duarte (2016, p. 313) o “jornal destaca-se pelo tom combativo em prol da emancipação, por questionar a tutela masculina e ainda por testemunhar momentos decisivos da luta das mulheres brasileiras por seus direitos”.

Buscando libertar a figura feminina dos grilhões do passado, que a aprisionavam a casa e a sombra dos seus maridos, o jornal de Josephina de Azevedo, além de uma ampla divulgação a favor das mulheres, criticou duramente a postura machista e conservadora de vários senhores do período, dado que, para a jornalista pernambucana, a diferença sexual imposta por esses homens não podia ser vista como fator de preconceito contra a vida das mulheres.

Defendendo a emancipação feminina da autoridade/autoria masculina, o jornal *A Família* pregava a igualdade plena de direitos entre os sexos, sendo que, de acordo com Cavalcante (2017, p. 76), “o jornal não tinha como objetivo ensinar as mães a educar seus filhos, mas educar as próprias mães para a vida. Educá-las para uma realidade maior que iria tirá-las da sombra dos maridos [...]”. Ou seja, educá-las para se tornarem senhoras de seu próprio destino.

Nesse cenário, dentro dessa discussão vale destacar a diferenciação entre imprensa feminista e imprensa feminina, por essa razão que, para Dulcília Buitoni estudiosa do tema da imprensa (1986, p. 64), existia uma diferenciação entre as duas. Enquanto “a imprensa feminista discutiu a posição das mulheres na sociedade e defendeu seus direitos [...]”, como fez Josephina de Azevedo com seu jornal, a imprensa feminina talvez fosse mais eclética, abordava praticamente qualquer assunto que envolvesse a mulher poderia ser seu objeto de estudo.

Isto é, se na imprensa feminista a pauta dos direitos das mulheres era o principal assunto a ser discutido entre suas páginas, na imprensa feminina esse era só mais um assunto dentre vários outros temas abordados. Mas, vale ressaltar que:

Os jornais feministas dessa época, não diferiam muito da imprensa feminina em geral. Todos traziam literatura, moda, entretenimento. Os órgãos feministas não deixavam de lado a distração, conseguindo, deste modo, garantir a simpatia do público (BUITONI, 1986, p. 53).

No caso do jornal *A Família*, mesmo trazendo aspectos ligados ao entretenimento feminino, como: moda, casa, beleza etc; observamos que este estaria enquadrado no campo da imprensa feminista, dado que, sua estrutura trazia muito mais temas envolvendo direitos políticos. Após sua criação em 1888 não foi preciso muito tempo para que ficasse claro o quão feministas eram seus artigos. A pauta da educação, do sufrágio e da cidadania republicana aparecem como seus principais objetos de discussão.

Por essa razão e por outros motivos machistas da época, Josephina de Azevedo teve que encarar durante vida uma série de investidas contra sua pessoa; como críticas e comentários maldosos, e de acordo com Duarte (2003, p. 157), Josephina Álvares de Azevedo “nesta empreitada, conquistou tanto adeptas para suas causas, como inimigos rancorosos que a perseguiram implacavelmente através da imprensa”.

Como durante séculos a cultura ocidental pregou que a vida do homem era mais importante do que a da mulher, não era de se estranhar que ser escritora não era boa coisa para uma senhora do século XIX. No caso de Josephina de Azevedo, muitas foram as críticas endereçadas a seu jornal e sua pessoa. Encontramos durante uma das leituras do periódico, alguns desses comentários desse tipo, principalmente, no ano que o jornal foi criado.

Lendo a edição n° 02 do ano de 1888, na seção *como nos tratam* nos deparamos com o comentário do jornal *Província de S. Paulo* (atual Estadão) à epígrafe do jornal de Josephina de Azevedo na época: *Veremos a mulher! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a!* (Frase do poeta francês Victor Hugo), o qual, o comentário diz:

Permita-nos, porém, que humildemente lhe digamos que a mulher para ser venerada, glorificada e sobretudo santificada não deve competir com o homem na direcção do estado, e em muitas coisas mais, como V. Exe. sustenta e quer. (AZEVEDO, 1888b, p. 8).

Para os redatores do jornal *A Província de São Paulo*, a mulher não deveria estar presente nos mesmos espaços que homem como a jornalista defendia. A mulher fora nascida para o lar e nada mais que isso. Além disso, encontramos também outro comentário de mais de duas décadas depois, proferido pelo senhor Antenor Thibau¹⁴ no *Jornal do Brasil* (1910-1919), o qual notamos que mesmo depois de morta, Josephina de Azevedo não parou de incomodar seus críticos, por esse motivo que, dizia o senhor Thibau:

Não sei se é viva ou morta Josephina Álvares de Azevedo. Se é morta, baixou no tumulo enterrando consigo as suas illusões terráqueas: se é viva, coitada: a senilidade permitir-lhe-á, apenas, o prazer platônico de gozar da victoria das suas colegas inglezas da propaganda, porque não lhe será possível mais o antigo esforço, em prol do seu ideal na sua Patria [...] (THIBAU, 1918, p. 5).

Esses dois comentários, mesmo que publicados em épocas diferentes, retratam como podemos ver o pavor e ao mesmo tempo o medo que tinham certos homens quanto a aquisição dos direitos femininos no Brasil na virada do século XIX/XX, porque numa época em que a

¹⁴ Mesmo não tendo encontrado informações sólidas a respeito da vida pessoal do comissário Antenor Thibau, este senhor deixou registrado em alguns jornais da época o mesmo comentário maldoso a pessoa da senhora Josephina Azevedo.

vida da mulher era controlada por todos os lados, era inaceitável as figuras femininas ocuparem os mesmos espaços e ter os mesmos direitos que os senhores do sexo masculino.

À vista disso, mesmo depois do fim das atividades do jornal *A Família* e da morte de sua redatora, Josephina de Azevedo continuou sendo uma forte referência feminista para as mulheres no país. Afirma Jocemir Reis (2019) que o reconhecimento do trabalho desempenhado pela pernambucana fez dela à precursora do feminismo no Brasil, e por conseguinte, seu nome foi perseguido por vários senhores em diferentes épocas.

A jornalista colocou em circulação um dos maiores jornais feministas do Brasil, logo, não era de se estranhar que ataques como esses não surgissem em meio a uma sociedade que segundo a própria Josephina de Azevedo mantinha o falso princípio da inferioridade feminina. O periódico queria alertar suas leitoras sobre a condição precária das mulheres na sociedade brasileira e mostrar que a emancipação era o único caminho para a liberdade feminina da tutela masculina na época (SOUTO-MAIOR, 2013).

Assim, no tange a estrutura textual do jornal, esse ajudou as senhoras a fazerem reivindicações objetivas entre suas oito páginas de publicações, visto que, para as mulheres que pensaram ser algo mais do que meras “bonecas” ou personagens fictícias, os textos publicados por essas escritoras colocaram em voga os problemas da realidade brasileira, tanto políticos quanto econômicos, sociais, filosóficos etc.

Nesse contexto, o jornal *A Família* era de uma leitura e simples e agradável, no qual, além de artigos de opinião veiculados a política e cidadania, a redatora preocupou-se em publicar também outros assuntos como literatura, poesia, notícias, receitas domésticas, piadas, anúncios, imagens etc. Tudo com o objetivo de conquistar cada vez mais o público, principalmente, as mulheres.

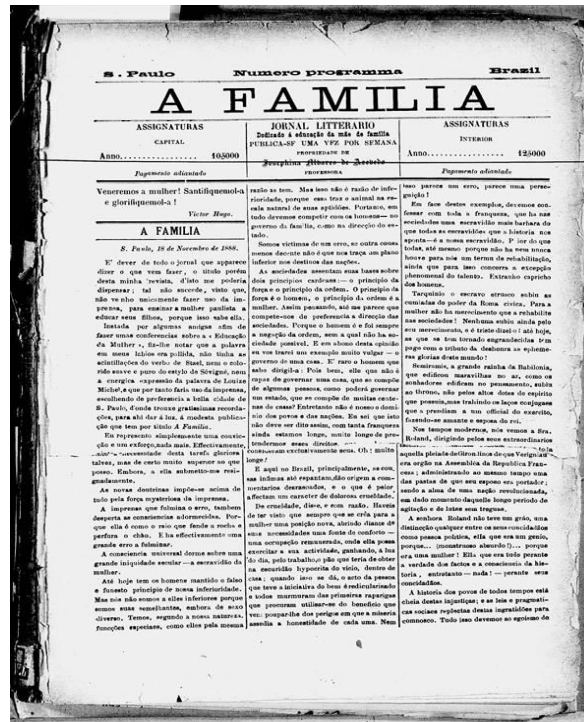


Figura 3: Exemplar do jornal *A Família* do ano 1888.
Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

Com as seções: *mães e mestras; ensino complementar e profissional da mulher; a mulher forte; sadness; poesia; como nos tratam*; além das seções de culinária e de propaganda; o tom combativo que emergia entre as páginas do jornal *A Família* fazia com que todos que lessem aquele periódico percebessem o caráter persistente e feminista de sua criadora, uma vez que:

A Família não deixava sua pauta pela emancipação da mulher e embora a menção aos artigos e argumentos empregados pareçam demasiadamente repetitivos, faz-se necessário frisar a estratégia política dessas jornalistas incansáveis: mostrar que a mulher avança, a despeito da falta de reconhecimento formal de suas capacidades intelectuais, profissionais e políticas. (SILVA, 2018, p. 127).

E junto a isso, destaca-se ainda que além da criação do jornal, Josephina de Azevedo fez também uma ampla divulgação pelo país, onde percorreu as principais províncias do território brasileiro da época, como São Paula, Rio de Janeiro, Bahia, Pará¹⁵ em busca de novas adeptas a sua causa, como coloca Maria Eleutério (2005, p. 57):

Para divulgar seu jornal e suas idéias, Josefina percorreu as principais cidades do Brasil na defesa da emancipação feminina, que só se realizaria, segundo reiterada argumentação do periódico, pela educação, pelo trabalho e pela participação política, o que para a época era de extremo arrojo.

Essa ampla divulgação em território nacional, fez de Josephina de Azevedo uma das mulheres mais inquietantes do ponto de vista reivindicatório do século XIX, em suas propagandas ela defendia ferreamente que a mulher deveria ter os mesmos direitos que os

¹⁵ Não encontramos dados que indicam a passagem de Josephina de Azevedo pelo Piauí.

homens: “A mulher deve ser livre e equilibrada em suas funções como o homem na sociedade. Tenhamos esse princípio por base, que só ele é verdadeiro”. (AZEVEDO, 1888c, p. 2).



Figura 4: Edição especial do jornal *A Família* em homenagem a sua redatora no ano 1889b.

Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

A jornalista não conseguia entender como o regime republicano poderia tomar atitudes tão antidemocráticas com a população. Ela, assim como outros sujeitos da época, havia depositado grandes expectativas na chegada do novo regime e ficara desiludida após a sua implantação. Por isso, a luz do progresso e das revoluções sociais do século, fez do seu jornal um dos pioneiros a defender a causa feminina de forma tão explícita no Brasil.

Mesmo já existindo no tempo vários periódicos femininos, a jornalista ao invés de ser apenas colaboradora de um ou outro jornal, resolveu fundar o seu, com base nos seus princípios e ideais, e deixa claro que não almejava veicular um jornal que tratasse somente da educação da família. Pelo contrário, desejava expandir os horizontes e tratar também de outros assuntos relevantes naquele momento.

Pelo que observamos ao longo de seu trabalho, sua linguagem era simplesmente revolucionária para o período, uma vez que reivindicava para as brasileiras algo que sequer existia nas sociedades avançadas do seu tempo, o direito ao voto para as mulheres. Nesse caso, o jornal além de instrumento político serve para nós como fonte de estudo para analisar “as

lutas das primeiras feministas, suas conquistas e seus obstáculos” no Brasil. (ROCHA, 2011, p. 69).

Entre a virada do século XIX para o XX no Brasil, várias foram as mulheres que se utilizando da escrita criaram brechas contra o poder dos homens. Afirma Rocha (2011) que a escrita possibilitava as mulheres de classe média e alta escrever colaborações para a imprensa. O jornal de Josephina de Azevedo diante disso, é um exemplo de um importante documento histórico para entendermos a luta das feministas no século XIX no país, porquanto, de acordo com Moura (2018, p. 82):

O jornal *A Família* fundado por Josephina Álvares de Azevedo possui um grande valor para a História das Mulheres no Brasil. Além de mostrar a situação sociocultural da sociedade brasileira do final do século XIX, o jornal deixou registradas as lutas e conquistas das feministas [...].

Nesse sentido, esse periódico serviu para entendermos que as mulheres sempre souberam reinventar-se contra o poder dos homens (PRIORE, 2020), já que no caso de Josephina de Azevedo, observamos que, com limiar do século XIX e da forte circulação dos impressos, ela, assim como outras senhoras letradas da época, enxergou uma oportunidade para mudar de vida, porque seu jornal:

[...] se transformou em um veículo onde as mulheres se expressavam, construíam seus pontos de vista e suas representações sobre si mesmas, tornando sua “fala” pública e, em alguns casos, mobilizadora. (MOURA, 2018, p. 83).

Consequentemente, sendo dotado de grande valor para nosso estudo, além de fonte histórica, esse serviu também para analisamos o papel da imprensa feminina na construção dos direitos das mulheres, pois de acordo com Ribeiro (2018), os periódicos durante essa época teriam desenvolvido papel de destaque dentro do cenário nacional, dado que foram eles os principais responsáveis pela disseminação e circulação de conteúdo, propiciando distintos debates e levando apropriações mútuas e diferenciadas de conhecimento.

O periodismo durante o século XIX foi responsável por divulgar uma série de ideias ligadas a “civilização” e ao progresso da nação, como principal veículo de notícias da época, esse era um dos espaços preferidos dos intelectuais para espalhar suas concepções e ideologias políticas. Para as mulheres escritoras como notamos, esse foi um espaço propício para reivindicar seus direitos.

Defendendo pautas como educação, igualdade de gênero, trabalho e voto, foi por meio dos periódicos que criaturas como Josephina de Azevedo tornaram-se criadoras, porque a imprensa inserida ainda no século XIX fazia parte de uma série de instituições que configuravam e regulavam a vida social das pessoas. Josephina de Azevedo servindo-se disso,

aproveitou para fazer do jornal um dos seus maiores aliados na luta rumo a emancipação feminina.

Segundo Zahidé Muzart (2003), os periódicos femininos teceram uma imensa rede de contato entre as brasileiras, cuja troca de ideias e de informações foi fundamental para que hoje estivéssemos discutindo sobre a História das Mulheres no Brasil. A criação do jornal *A Família* serviu para notamos sob quais bases aquela sociedade republicana foi estruturada.

Isto é, sob a negação dos direitos femininos e demais grupos excluídos da história, pois em consonância com as ideias de Muzart, Oliveira (2009, p. 69) coloca que “Através das páginas do jornal fundado por Josephina Álvares de Azevedo podemos assistir à participação feminina durante a queda do regime monárquico, acreditando com isto, alcançar a igualdade social tão desejada”.

Não alcançando esses direitos como nos foi mostrado acima, Josephina de Azevedo não poupou esforços para fazer circular seu jornal e sua causa pelo país. Um ano após a Proclamação da República a jornalista dizia a suas leitoras:

[...] E’ urgente que cada uma de nós se torne no lar uma propagandista acérrima, como em reunião e em sociedade se devem constituir aquelas que estejam melhor preparadas para o fazerem. E se assim procedermos, podemos contar a vitória da nossa santa causa (AZEVEDO, 1890a, p. 1).

Convocando suas leitoras e colaboradoras para a luta, para Josephina de Azevedo era preciso que as mulheres tivessem consciência de seus papéis e de sua causa na sociedade. Por essa razão, o jornal trouxe para jogo suas convicções a fim de fazer com que a voz feminina fosse ouvida. Além disso:

Criando uma rede contato que contava com a participação de mulheres de norte a sul do Brasil, o jornal mostra que Josephina de Azevedo estaria em consonância com as ideias da primeira onda do feminismo, já que, como notamos, suas convicções iam pela mesma vereda dos ideais feministas. [...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente (MUZART, 2003 *apud* MOURA, 2018, p. 69).

A discussão sobre a inserção da mulher na vida política fez muitas vozes femininas ecoarem. Josephina de Azevedo ao fundar o seu jornal, mostra que a discussão em torno da cidadania, da educação e do direito ao voto estavam entre os principais pilares do seu periódico, porque pelo que notamos até aqui, com o fim da corte no Brasil, ela ressaltou que era preciso

fazer com que as brasileiras se transformassem em cidadãs ativas e atuantes dentro da sociedade.

Nos servindo disso para fazer essa apresentação sobre o tema, a seguir nas próximas páginas do trabalho, buscamos fazer uma análise a respeito do nome do jornal, do ideal positivista para as mulheres na época e das táticas femininas dentro do periódico.

2. “UM NOME DE PESO”: *A Família Jornal Litterario Dedicado A Educação Da Mãe De Família.*

O *A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe de família* foi o nome escolhido pela jornalista Josephina Álvares de Azevedo para o seu periódico de mulheres, que circulou em território nacional durante o final do século XIX. O jornal foi considerado por muitas estudiosas do tema como o mais feminista do período, principalmente, devido as exigências de sua criadora e os debates por ela travados em torno da emancipação feminina.

Tendo em mente a escolha peculiar do seu título, o foco neste capítulo é compreender as questões relacionadas ao significado de seu nome, porquanto ao longo da leitura de suas edições, notamos que o título escolhido pela jornalista pode ter sido uma tática¹⁶ para burlar a ordem vigente do período quanto a participação feminina no campo da escrita.

Por esse motivo, procuramos com base em alguns autores, como: Michel de Certeau (2012), Valéria Souto-Maior (2013) e Olívia Rocha (2011) discutir questões relacionadas ao nome do jornal, a escrita feminina e a literatura combativa publicada no número-programa, além de analisar o conjunto de aspectos que fizeram o jornal ter a relevância que têm dentro do campo da imprensa feminina brasileira.

2.1 *A Família*: um jornal nada tradicional

E' dever de todo o jornal que aparece dizer o que vem fazer, o título porém desta minha revista, d'isto me poderia dispensar; tal não succede, visto que, não venho unicamente fazer uso da imprensa, para ensinar a mulher paulista a educar seus filhos, porque isso sabe ela (AZEVEDO, 1888e, p.1).

Segundo Duarte (2016) o título do periódico *A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe de família* pode até sugerir que se trate de uma publicação mais tradicional e conformada aos padrões da época. Mas não. Como ressalta a própria redatora esse não vem unicamente ensinar as mulheres como educar seus filhos. Pelo contrário, o periódico continha ideias muito mais amplas do que se podia imaginar no período, como é o caso do sufrágio feminino.

Observamos pelos escritos de Josephina de Azevedo que o jornal *A Família* nada tinha de tradicional, desde sua criação em 1888, sua preocupação principal não era a de fazer

¹⁶ O conceito de tática utilizado neste capítulo é o mesmo do filósofo Michel de Certeau em seu livro “A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer.”

propaganda para ensinar as senhoras a serem boas donas de casa e esposas para seus maridos, mas sim, fazer algo a favor das próprias mulheres, sendo que, nas palavras da própria redatora do jornal “em tudo devemos competir com os homens – no governo da família, como na direcção do estado” (AZEVEDO, 1888d, p.1).

Á vista disso, notamos que em pouco tempo após sua fundação, o discurso do jornal começou a se radicalizar e reivindicar causas mais amplas da emancipação, como: o ingresso feminino no mercado de trabalho, o voto, a educação e o direito feminino de trabalhar em cargos públicos. O próprio nome, *A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe de família*, nessa empreitada também sofreu alterações, a partir da edição de nº 31 do ano 1889, começou-se a utilizar apenas *A Família* e nome de sua redatora nas publicações.



Figura 5: Novo título do jornal *A Família*, nº 31 de 1889c.
Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

A alteração no título marcava o início de uma nova fase na vida do jornal, por isso que, deixando de lado seu subtítulo: *jornal litterario dedicado a educação da mãe de família*, notamos que a transição para a República, teria sido a deixa que Josephina de Azevedo esperava para entrar em campo na luta pela aquisição dos direitos femininos no país. Em meio a tantos protestos, a autora teria encontrado a oportunidade ideal para suas reivindicações naquele momento.

Portanto, é importante ressaltar que o interesse principal nessa parte do trabalho é discutir as questões relacionadas ao nome do jornal e a escrita feminina no final do século. Mas, nesse caso, é impossível fazer isso sem falar do papel feminino que os ideais positivistas defendiam para as mulheres naquela sociedade, visto que, o nome “mãe” e “família” representavam naquele século as bases de uma sociedade extremamente moralizante e preconceituosa.

A mulher, segundo Paulo Rezzutti (2018), durante boa parte do século XIX foi enquadrada como “boa” ou “má” com base em seus comportamentos sociais. As “mulheres

boas” (até hoje), são aquelas que obedecem, que “conhecem o seu lugar”, que não discutem, e que enfim, não revolucionam o *status quo*. Já as “mulheres más” são aquelas que transgridem a ordem social estabelecida, ou seja, que não seguem a norma, que não veem no lar seu único fim útil.

Tendo uma vida limitada aos desejos e ordens dos seus pais ou maridos, conforme a ordem patriarcal do período, as mulheres não deviam quebrar a cartilha de boas maneiras como fez Josephina de Azevedo ao transformar seu jornal em um veículo panfletário de ideais feministas; que segundo Silva e Vilela (2019) as mulheres que transgrediram as normas sociais daquela época assumiram o risco e o preço dessa transgressão e foram difamadas ou impelidas ao esquecimento.

Josephina de Azevedo, mesmo tendo deixado grande legado no ramo do periodismo feminino e no próprio campo da História do Brasil, logo após sua morte, foi lançada ao esquecimento pelos seus contemporâneos, em razão de que o memoricídio¹⁷ praticado contra sua pessoa, tentou de todas as formas tornar invisível sua existência dentro da cena literária nacional.

Como os homens ocupavam praticamente todos os espaços de poder na época, editores quando iam escolher entre escritores homens e escritoras mulheres, sempre preferiam publicar o trabalho do homem, em um período que pregava que a mulher fora criada apenas para as atividades domésticas, desafiar a ordem natural das coisas era visto como um atentado as leis de divinas na terra, logo carente de punição.

Por isso, segundo Jocemir Reis (2019) vale notar que o imaginário que se formou em torno da mulher brasileira no século XIX é em geral constituído por um tipo ideal feminino, doce e culto, de profunda submissão aos pais, irmãos e maridos. Mulheres não deveriam expressar opinião, muito menos, exigências, como fez a jornalista pernambucana. No entanto,

Mesmo assim, inúmeras foram as escritoras que se valeram da escrita como um ato de rebeldia em prol da própria existência e nos legaram um conjunto vasto de textos literários ou não que revelam a participação das mulheres para além do espaço privado do lar e que nos auxiliam a pensar na contribuição feminina à cultura de nosso país (SILVA; VILELA, 2019, p. 98).

Josephina de Azevedo enquanto defensora dos interesses femininos pregava que um país só podia ser plenamente desenvolvido quando homens e mulheres tivessem as mesmas oportunidades, uma vez que, segundo a jornalista, “mulher que é mãe, nada perde com ser

¹⁷ Memoricídio, segundo Constância Lima Duarte é o assassinato da memória de alguém por determinado grupo dominante.

cidadã; do mesmo modo que um homem pode cuidar dos deveres da família e dos seus deveres de cidadão”. (AZEVEDO, 2018, p. 28)

Desse modo, incluída pelos críticos na categoria de “mulher má”, devido seu comportamento “inadequado”, ao criar o seu jornal mostra a partir dos primeiros textos publicados que ele sempre esteve vinculado a questões políticas:

A Família, órgão da formosa parte da humanidade, geralmente conhecida pelo nome – mulher, deve pôr-se à frente d’essa utilíssima propaganda. Deve pois estudar apuradamente a educação da mulher. E’ indispensavel educal-a ; sem instrucção ella continuará a representar o tristissimo papel que na maioria tem feito, como esposa principalmente, e em todos outros estados da vida. (AZEVEDO, 1889, p. 2).

Com as mudanças que sinalizavam para “tempos prósperos”, devido Proclamação da República e a Abolição da Escravatura, a jornalista elaborou tanto ideias de propaganda como de divulgação de conteúdo, já que o nome do jornal não seguindo literalmente a lógica da época, prometia uma coisa, mas entregava muitas outras, como, por exemplo, a defesa veemente da educação e do sufrágio feminino.

E necessario, que a mulher, tambem, como ser pensante, como parte importantissima da grande alma nacional, seja admitida ao pleito em que vão ser em jogo os destinos da patria. A mulher como ao homem, deve competir a faculdade de preponderar na apresentação da sua patria. (AZEVEDO, 1889c, p.1).

Para Josephina de Azevedo, ou as mulheres estariam dentro das leis do novo regime ou fora, pois que, comprovada a competência feminina para as funções da vida pública, como ela mesmo e suas colaboradoras pode comprovam, infelizmente ainda prevalece a teoria da sua inferioridade.

Por essa razão, para driblar preconceitos de editores e críticos no campo literário, ela e suas colaboradoras apostavam na criatividade para escrever e publicar seus textos. No caso do jornal *A Família*, podemos dizer que a escolha de seu nome pode ter sido uma tática de sua criadora para fazer o circular jornal na época, uma vez que relacionar “família” e “mãe” para dar nome a um periódico com esse porte de ideias teria sido a forma que a redatora encontrou para subverter a ordem e reinventar-se em novos espaços de seu interesse, como o campo da escrita.

Segundo Rocha (2011, p. 163), a palavra assume papel de instrumento para defesa ou reivindicação de posições entre os indivíduos. Afirma a autora: “a escrita constitui-se uma prática de importância estratégica a ser apropriada pelas mulheres, que lhes permitiu expor pontos de vista, reivindicar novos lugares sociais e posicionarem-se como autoras, possibilitando a obtenção de reconhecimento intelectual”. Foi através da palavra que diversas

vozes femininas como a de Josephina de Azevedo ecoaram no século XIX, principalmente, pelo espaço público.

Além disso, de acordo com Silva e Vilela (2019) não obstante, as mulheres-escritoras, mostrando-se em dia com as questões partidárias concernentes ao século XIX, também utilizaram da escrita para apoiar ou rechaçar os grupos políticos que estavam aparecendo no período, como fez Josephina de Azevedo com os positivistas, assim que para a jornalista, essa corrente de pensamento era uma grande ameaça à causa feminina na época.

O Positivismo de Augusto Comte foi uma das principais correntes ideológicas do século XIX no Brasil e defendia o progresso da nação acima de qualquer coisa. Segundo Karolina Cunha (2014, p. 5) pregava “ordem e progresso, o trabalho, as regras ligadas a higiene social, costumes ordeiros, as mulheres mais do que nunca deveriam assumir as tarefas do casamento, da maternidade e da educação dos filhos”.

Ou seja, alinhado ao discurso da ordem que se propagava no período, o Positivismo de Comte elaborou as representações de um modelo ideal feminino, tradicional, no qual, os atributos essenciais ao bom comportamento das mulheres eram o casamento, a maternidade e a educação dos filhos, nada mais que isso. Com a nova ordem republicana no período, as mulheres tinham que estar enquadradas num esquema de ordem social conservadora, deixando o espaço público apenas para os homens, numa tentativa de encarcerar figura feminina ao lar.

Conseqüentemente, o campo da escrita foi durante muito tempo um espaço de dominação masculina, porque o reconhecimento literário era de difícil acesso as mulheres e até os dias de hoje ultrapassar essa barreira continua sendo um grande desafio em pleno século XXI. Notamos que apenas uma parcela das senhoras que conseguiram esse feito de escrever e publicar na imprensa eram, em sua grande maioria da elite e que fizeram uso ainda de diferentes mecanismos para burlar a ordem.

O uso de pseudônimos, por exemplo, foi um recurso bastante recorrente durante essa época nos jornais, porém, não único. No caso de Josephina de Azevedo, várias foram suas táticas para promover e fazer sobreviver seu jornal. Desde o uso de pseudônimos até viagens pelo Brasil em busca de novas leitoras. Os pseudônimos não foram tão recorrentes neste número-programa assim como em seus contemporâneos, mas sua existência é inegável e sua importância indiscutível para encorajar as senhoras a escrever nos periódicos.

Á vista disso, com base no grande número de publicações, o nome do jornal pode ser percebido de duas formas; tanto pelo fato dele ter publicado obras revolucionárias para sua época, como pelo modo como era visto pelos demais periódicos, ora de forma simpatizante ora de forma crítica. O fato dele ter sido bastante comentado entre seus contemporâneos como

vemos na sua seção *como nos tratam* fez com que tanto o periódico quanto sua redatora ganhassem destaque no território nacional de uma forma ou de outra.

De forma positiva ou de forma negativa, a escolha do nome *A Família* foi motivo de impacto entre a população e pelo que podemos notar uma tática encontrada pela jornalista para fazer com que aquele empreendimento fosse visto pela sociedade oitocentista. Josephina Azevedo fez com que seu jornal ficasse reconhecido de uma forma ou de outra, uma vez que, pelo que observamos muitos foram os que o elogiaram e muitos que foram os que chamaram o periódico de espaço de mulheres ignorantes.

Nesse caso, “um nome de peso” refere-se tanto ao nome do jornal *A Família* como o de sua redatora, sendo que ambos tiveram um nome em destaque durante o final do século XIX, e sentiram o “peso” de um nome quando começaram a receber diferentes tipos de comentários endereçados a sua imagem. O jornal e sua criadora destacaram-se dos demais pela veemência com que defendiam a causa feminina, com sua argumentação sempre lúcida e coerente.

Afirmando que as mulheres também deveriam ter o direito de participar das eleições, de votar e serem votadas, Josephina de Azevedo continha ideias muito progressistas, em uma época como o século XIX de profunda opressão masculina, onde a mulher nem sequer podia sair de casa sem a sua permissão, a jornalista já defendia ideias de igualdade plena entre os sexos.

Por essa razão, outro ponto a se destacar nessa discussão é como a senhora Josephina de Azevedo operou dentro do campo dos sujeitos ordinários de Michel de Certeau para alcançar seus objetivos e driblar as dificuldades a ela imposta, fazendo uso de várias táticas manteve um dos jornais femininos mais longevos do país. subverter mecanismos de dominação são táticas de sobrevivência. E por táticas entendemos as astúcias, as artes de dar golpes, pelas quais o indivíduo ordinário pode persuadir ou refutar o sistema. (CERTEAU, 2012)

Segundo Certeau (2012, p. 91), “Trata-se de combates ou de jogos entre o forte e o fraco, e das ações que o fraco pode empreender”. Dessa maneira, foi graças a escrita e as propagandas que Josephina de Azevedo começou a se imiscuir no mundo público, masculino por excelência. Graças ao seu jornal a figura feminina começava a ganhar cada vez mais destaque no debate nacional quanto ao seu lugar na nova sociedade.

As práticas escriturísticas associadas ao poder no mundo público foram durante séculos inscritas como masculinas, por isso, a conquista da carreira de letras, foi longa e difícil para as mulheres no Brasil. Poucas conseguiram escrever durante o século XIX, as que conseguiram eram de famílias de melhor poder aquisitivo, que tinham mais oportunidades e condições para a organização de periódicos e a publicação de livros. (ROCHA, 2011)

Josephina de Azevedo fazendo parte desse grupo de mulheres, tratou logo de escrever e publicar o máximo possível, tanto ela, quanto as colaboradoras do seu jornal, sabendo o “privilegio” que tinham, muitas delas defendiam que este deveria chegar a mais mulheres. Por esse motivo, a escolha do nome *A Família* nos leva a refletir também acerca do protagonismo feminino dessas escritoras no espaço público.

O espaço público era lugar social masculino, onde não se aceitava mulheres em hipótese alguma. Para poder circular por esse espaço as mulheres precisavam estar sempre acompanhadas por seus “senhores”. O descontentamento feminino com as restrições de suas possibilidades de vida e atuação social fez com que diversas senhoras começassem a se utilizar de diferentes táticas para conquistar sua independência. (ROCHA, 2011)

Foram as mulheres de uma elite letrada com acesso à educação que começaram a reivindicar novos lugares sociais. Assim, Certeau (2012) explica que foi por meio das táticas que o sujeito ordinário começou se mover dentro do âmbito social, pelas suas astúcias na maneira de falar, caminhar, escrever, se articular etc.; sendo que, são procedimentos realizados pelos sujeitos ordinários para burlar as normas impostas pelo governo contra sua vida.

A família tradicional (branca e elitista), que seguia até então como uma das entidades mais influentes dentro das sociedades modernas do período, devido sua história ao lado da igreja católica, era considerada um espaço sagrado, onde a mãe era o centro, mas nunca a chefe do grupo. Às mulheres ficavam reservados os espaços da cozinha, do quarto e do banheiro, enquanto os homens podiam transitar livremente por todos os cômodos da casa.

E se a perspectiva de atuação das mulheres na sociedade oitocentista girava em torno de seus papéis na família, segundo Souto-Maior (2013) o tipo social criado por Josephina de Azevedo para colocar em debate a questão do sufrágio feminino e outros direitos da mulher, como sua inserção no mercado de trabalho foi, principalmente, o jornal *A Família*; que fez uso da linguagem literária para a projetar a imagem da mulher, que desde então começava cada vez mais a se modificar.

Segundo Rocha (2011), o avanço feminino se deu graças a apropriação dessas práticas discursivas pelas escritoras e jornalistas. Mesmo com todas as resistências masculinas contra ingresso feminino no espaço público, as mulheres do jornal *A Família* conseguiram sair do lugar comum imposto a sua vida. O protagonismo de Josephina de Azevedo na carreira de letras, proporcionou às brasileiras, exemplos de emancipação femininas, e a jornalista, sem dúvidas, compõe o grupo de precursoras feministas do século XIX.

A jornalista tratou de articular um jogo de astúcias femininas contra os mecanismos masculinos que encarceravam a mulher ao lar, pois esclareceu que o título do seu jornal poderia

passar a impressão de que ele era dedicado, exclusivamente, à educação da mãe de família; entretanto, fez questão de ressaltar que suas motivações eram bem maiores que isso. (SOUTO-MAIOR, 2013).

Fazendo uso de vários recursos possíveis, Josephina de Azevedo tratou além de batizar o seu jornal com o nome da principal instituição do século XIX, a família, trazer em seu editorial, novidades de cunho educativo para as senhoras, como foi o caso das ilustrações, poemas, indicadores de algum serviço ou produto feminino etc.

De acordo com Michelle Perrot (1998), a imagem e o escrito subverteram as fronteiras e favoreceram as incursões femininas no espaço público. As ilustrações trazidas pelo jornal ajudaram de forma positiva na circulação dessas mulheres pelo espaço público da época, assim com suas ilustrações estampadas nas páginas do periódico, as escritoras chamavam muita atenção da população.

Por isso, notamos que a imagem dessas escritoras começava a circular cada vez mais graças ao trabalho do jornal. Pensando que este foi um periódico organizado e executado por mulheres, estas senhoras quebravam a lógica de um padrão ideal feminino para a época e suas criações permearam a realidade até em então inalterável da cultura patriarcal do século XIX.

A imprensa enquanto palco dos conflitos e tensões envolvendo homens e mulheres de letras, foi campo primordial para a disseminação dos discursos sufragistas. Segundo Rocha (2011), as vozes femininas vinham se fazendo presentes, principalmente, nesse espaço dos discursos públicos, que a imprensa proporcionava.

N' esta quadra que atravessamos, de conquistas e reivindicações, não é licita a uma mulher, inteligente e instruída a penumbra da indiferença: ou no palco ou no gabinete, ha campo para as aptidões femininas, em que directa ou indirectamente podemos ir conquistando o respeito geral por aquelles direitos que são de eterna justiça porque são de eterna verdade, mas que os homens nos negam egoisticamente. (AZEVEDO, 1890, p. 6).

Nessa passagem, observamos que a mulher que fora tratada durante tanto tempo com indiferença, fazia um apelo nas páginas no jornal *A Família*, para que as aptidões femininas fossem aceitas nos diferentes espaços, porquanto, tendo em mente o peso do nome do jornal dentro da sociedade da época, para as mulheres, aquele era o local ideal para a expandir os ideais feministas.

O protagonismo feminino nesse sentido, pode ser percebido a partir da projeção da imagem das mulheres pelo jornal, visto que, como a mulher recebia pouco destaque na sociedade da época, devido seu aprisionamento no espaço doméstico, circular pelo espaço público através de escritos e ilustrações representava um grande passo rumo à independência

feminina. O jornal *A Família* foi se transformando num verdadeiro veículo de propaganda de ideais políticos de gênero na época.

2.2 Escritoras notáveis: As mulheres do jornal *A Família*

De acordo com Carula (2016) diferente de outros periódicos femininos do século XIX, o jornal de Josephina de Azevedo foi um dos poucos dentro da imprensa feminina a apresentar ilustrações em suas edições. As ilustrações e biografias trazidas pelo jornal *A Família* eram de pessoas consideradas ilustres, que segundo sua redatora, eram nomes que todos respeitavam na época.

Segundo Jocemir Reis (2019, p. 81) “Todas as imagens foram tomadas de exemplo de vida e conduta para apontar a possibilidade de resistência e criação de novas perspectivas para o bello sexo naquele século”. Por essa razão, o estudo desses aspectos trazidos pelo jornal nos possibilita pensar num outro século XIX para as mulheres, oculto por um longo período de tempo pelo campo da historiografia tradicional e seus documentos.

Mulheres intelectualmente ricas, mas que se tornaram ilustres desconhecidas em razão do pequeno espaço reservado a elas na sociedade, nas artes, na imprensa e na literatura. No campo da historiografia tradicional e seus documentos é evidente a lacuna nas estantes dedicadas a publicações de trabalhos femininos, principalmente, durante o século XIX. (AZEVEDO, 2018). Nesse caso, o jornal *A Família* trouxe em suas páginas não apenas seu posicionamento feminista, mas os nomes das mulheres que estavam por trás daquela propaganda.

As ilustrações trazidas pelo jornal nesse contexto são de grande valor para nosso estudo e para o campo da história, assim que segundo a historiadora brasileira Sandra Jatahy Pesavento (2008) as imagens são, e têm sido sempre, um tipo de linguagem, que atestam uma intenção de comunicar, dotadas de um sentido a partir e uma intenção humana. No caso do periódico *A Família*, notamos que Josephina de Azevedo teria pensado em outros tipos de linguagens para suas publicações além da palavra escrita.

Procurando tornar seu jornal cada vez mais acessível para as senhoras, os textos e as ilustrações biografadas incrementaram a discussão acerca dos nomes das pessoas consideradas ilustres na época. Vale destacar que as ilustrações que foram expostas no jornal entre os anos 1889, 1891 e 1893 não excluíram totalmente os homens, visto que, com base nas imagens trazidas pelo periódico, observamos que foi diverso o número de pessoas biografadas.

No entanto, não nos interessamos aqui pelas ilustrações do sexo masculino ou as paisagens arquitetônicas (que também aparecem no jornal), mas apenas pelas ilustrações de figuras do sexo feminino, que nos dão subsídios para pensar o protagonismo feminino no espaço público. Por causa disso, em um primeiro momento, cabe ressaltamos o perfil das mulheres ilustradas pelo jornal, dado que, de acordo com Reis (2019, p. 82):

As publicações feitas pela Família, diziam respeito a outro tipo de sujeito: professora, escritora, poetisa, guerreira, jornalista, imperatriz, abolicionista, enfermeira. Outra estética estava em jogo, que se relacionava com a vida e com o modo de existir daqueles sujeitos. Enfim, uma pequena galeria se nos apresenta o Jornal de seu repertório bélico, em favor das emergentes pautas femininas.

Em um segundo momento, cabe destacamos o nome dessas personalidades; Josephina Álvares de Azevedo, Joana Darc, Georg Sand, Concepción Gimero de Flaquer, Catalina II, Ignez Sabino, Miss Nightingale, Maria Amélia Queiroz, Viscondessa de Leopoldina e Eliza Lemos.¹⁸ Senhoras que mesmo de classes e nacionalidades distintas fizeram parte de um mesmo movimento em prol dos direitos femininos durante o século XIX.

A imagem que circulava entre as páginas do jornal *A Família*, para reforçar sua propaganda, trouxe para jogo a figura feminina de uma maneira mais voltada para a realidade, sendo que, eram essas senhoras professoras, escritoras, jornalistas, abolicionistas e até mesmo imperatrizes que estavam reivindicando os direitos femininos na época.

Nesse contexto, segundo Perrot (1998), a discussão envolvendo o lugar das mulheres no espaço público sempre foi problemático no mundo ocidental, e isso porque, a entrada das mulheres na esfera pública não era normal em lugar nenhum do mundo. A invisibilidade e o silêncio feminino faziam parte da ordem natural das coisas, pois era algo que existia desde o começo do mundo.

Foi através das incursões no mundo literário que sua aparição começou a ganhar cada vez mais destaque na sociedade. A participação da figura feminina no exercício jornalismo em específico, deu a mulher reconhecimento, visto que, em jornais como o da senhora Josephina de Azevedo as senhoras ganhavam reconhecimento nacional e até mesmo internacional.

¹⁸ **Joana Darc (1412/1431)**, defensora dos direitos femininos franceses e heroína canonizada pela igreja. **Georg Sant**, pseudônimo de **Armandina Aurora Duprat (1804/1876)**, foi uma aclamada romancista e memorialista francesa do século XIX, considerada por muitos a maior escritora de seu tempo. **Concepción Gimero de Flaquer (1850/1919)**, foi uma importante escritora romancista espanhola do século XIX, destacou-se pelo seu trabalho como precursora do jornalismo do século XIX e por ser uma das primeiras figuras feministas espanholas. **Catalina II (1729/1796)**, conhecida como, Catarina, a Grande, foi imperatriz e consorte de Rússia até sua morte 1762. Durante seu governo o país conheceu enorme desenvolvimento econômico e político. **Miss Nightingale (1820-1910)**, foi uma destacada enfermeira inglesa que trabalhou cuidando de soldados britânicos na Guerra da Criméia. Ficou conhecida como a fundadora da Enfermagem moderna. **Viscondessa de Leopoldina (1847-11871)** foi princesa do Brasil desde o seu nascimento, membro do ramo brasileiro da casa de Bragança é uma das grandes personagens da história brasileira na condução da independência do país, em 1822.

Não pretendemos fazer um panorama de ilustrações detalhado ou apresentá-las do mesmo modo que foram colocadas no jornal. Mas sim, tomando como base o objetivo do capítulo em si, apresentá-las para o leitor de uma forma pensando na discussão acerca das táticas trazidas pela redatora do jornal.

Então, contabilizando ao todo 12 figuras femininas ilustradas¹⁹, as brasileiras e francesas que apareceram no repertório feminino do jornal *A Família*, tinham o mesmo interesse comum, ver a mulher instruída e livre. De acordo com Reis (2019) *sem flores nem moda*, o jornal trata da educação da mulher em todas as suas dimensões e em todas as edições, ignorando intencionalmente a maioria dos estereótipos em vigor.

Além do que, como uma forma de exaltar o trabalho e a produção literária das suas colaboradoras, algumas dessas figuras ilustradas também faziam parte do corpo editorial do periódico, como é o caso das senhoras Maria Amelia Queiroz²⁰, Ignez Sabino Pinho Maia²¹ e Eliza Lemos²². As ilustrações carregam consigo o peso de uma obra que procurou de todas as maneiras possíveis trazer a mulher para dentro do espaço público.

Essas ilustrações foram em certo sentido transgressoras, em razão de que até aquele momento do século XIX, as práticas jornalísticas em geral, ocupavam-se de publicar modelos constituídos e atravessados pela estética do corpo e nada mais. Divulgando produtos de beleza, casa e banho, as mulheres apareciam como modelos de algo; diferente do que foi trazido pelo jornal *A Família*.

A linguagem social trazida pelo periódico ajudava as leitoras a perceberem o mundo no qual elas estavam inseridas, uma vez que, diziam respeito a outros modelos femininos, que não eram o padrão imposto na época. As senhoras em destaque, ajudaram a encorajar e mostrar quem eram as mulheres que estavam por trás daquela campanha em prol da emancipação feminina no período.

Além disso, essas ilustrações não ficaram restritas apenas as brasileiras como podemos ver. Notamos que outras senhoras como é o caso de Joana D'arc, Miss Nightingale etc., também aparecem nas edições do jornal. Então, com base nas táticas utilizadas por Josephina de

¹⁹ Vale destacar que algumas das imagens aparecem repetidas duas vezes no jornal. Como é o caso das imagens de Josephina de Azevedo, Joana D'arc e Eugênio Oyanguren.

²⁰ Maria Amélia de Queiroz, nasceu em Pernambuco (século XIX, Recife-18??) foi professora e abolicionista, amiga de Josephina de Azevedo foi colaboradora do jornal *A Família* desde sua fundação. Foi uma das fundadoras da Ave Libertas, associação composta só de mulheres, que lutava contra a escravidão e combatia inclusive castigos.

²¹ Ignez Sabino Pinho (Salvador – BA, 1853 - 1911). Foi poeta, contista, romancista, memorialista e biógrafa, cujo nome é lembrado até hoje por sua ação na luta pelos direitos femininos no século XIX.

²² Eliza Lemos (?-?) pouco se sabe sobre sua vida, as poucas informações encontradas na internet dizem que ela foi uma cronista mineira e uma das colaboradoras do jornal *A Família*.

Azevedo para fazer expandir o jornal e seus escritos, vários foram os mecanismos de atuação feminina utilizados por essas senhoras dentro do meio jornalístico.

O jornal *A Família* trouxe para jogo táticas de subversão das mais variadas possíveis. E mesmo com muitos tentando desmerecer seu trabalho, observamos que o jornal contribuiu significativamente para aquisição dos direitos femininos ainda no final do século XIX, porque sua fama se propagava pelo Brasil, e junto a isso, a força de suas ideias se espalhava entre as mulheres.

O jornal e suas escritoras ajudaram na disseminação das primeiras ideias feministas que foram surgindo no país. Porquanto, com a primeira onda do movimento surgindo nessa mesma época, Josephina de Azevedo fez com que o jornal incorporasse o debate que começava a circular pela Europa, principalmente, com as francesas; trazendo para o Brasil a noção de que o silêncio não era natural, mas sim algo imposto contra sua vida.

Segundo Duarte (2003, p. 151) as que tiveram “peito aberto, denunciaram a discriminação, por acreditarem que, apesar de tudo, era possível um relacionamento justo entre os sexos”. Isto é, acreditaram que era possível uma sociedade mais justa, onde todos pudessem compartilhar do mesmo espaço.

Sua iniciativa é sem dúvidas motivadora, assim que serviram como espelho para que mais senhoras incorporassem sua luta. Segundo Rocha (2011, p. 80):

Em uma sociedade em que os papéis sociais de saber e poder no mundo público eram delimitados como masculinos, incomodavam as atitudes de uma mulher que publicava em periódicos, impunha-se em práticas não recomendadas para seu sexo, correspondia-se livremente com homens e defendia ideias abolicionistas. Certamente não era vista como exemplo a ser seguido por outras mulheres.

Nessa passagem, notamos que tudo que poderia comprometer a soberania masculina na época era tido como algo a ser controlado e exterminado. As mulheres do jornal *A Família*, ao projetarem sua imagem no espaço público, cravaram seus nomes na história. Mesmo que essa durante muito tempo procurou silenciá-las.

As mulheres ao longo da história ao invés de descritas, eram imaginadas e representadas de forma abstrata da realidade pelos sujeitos do sexo masculino que a descreviam. E até os dias de hoje notamos que essa prática não deixou de existir. Nesse sentido, segundo Rocha (2011, p. 74) “a apropriação das práticas discursivas pelas mulheres afrontava uma configuração cultural que legava aos homens os lugares no universo da escrita”

Quando as mulheres começam a se utilizar dessas práticas discursivas, o espaço público começa ser povoado por diferentes sujeitos, porquanto se antes este era apenas mote dos seres do sexo masculino, agora diversas senhoras começavam aparecer nesse espaço. A circulação

de ideias começou a ficar mais diversa e a história mais plural com os novos agentes. Por causa disso, a criação do jornal *A Família*, no território brasileiro, trouxe em voga uma bagagem extensa de questões para serem discutidas no campo da historiografia. Seu nome reflete uma obra de peso desenvolvida pela senhora Josephina Alvares de Azevedo e suas colaboradoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procuramos discutir, através do jornal *A Família*, questões relacionadas a chegada da República no Brasil e a busca de Josephina de Azevedo pela emancipação feminina no país, que segundo Bárbara Souto-Maior (2013), a criação do jornal em destaque contribuiu pioneiramente para forçar a abertura de um espaço público para as mulheres na sociedade oitocentista, protestando contra a realidade social em que viviam e propondo sua transformação na época.

Observamos que ao final do século XIX, mesmo com a implantação do regime republicano, o Brasil ainda era uma sociedade escravocrata e patriarcal, que negava liberdades civis aos ex-escravizados e as mulheres. Segundo Paula Somensari (2021, p. 41) “foi a partir do final desse século, que as lutas pelos direitos políticos tomam forma e são expressivos nos periódicos”. No jornal *A Família*, Josephina de Azevedo criticava abertamente as condições impostas pelo patriarcado a vida das mulheres e reivindicava condições mais igualitárias entre os sexos.

A jornalista mostrou sua dedicação em pensar e pôr em prática suas ideias para a libertação da mulher através do seu jornal. Ela foi considerada por muitas estudiosas do tema como uma das primeiras feministas do Brasil, devido suas ideias emancipacionistas, seu jornal de longa duração, seu engajamento político, pois seu trabalho junto ao periódico *A Família* abriu caminho para uma luta posterior, mais organizada, institucionalizada e diversa.

Nos limites de uma época tão preconceituosa quanto o século XIX, seu jornal *A Família*, contribuiu significativamente para uma discussão que viria a ser retomada e aprimorada anos depois pelas feministas do século XX. No entanto, vale destacar que nosso trabalho não teve por objetivo fazer um panorama detalhado dos escritos do periódico, mas sim, utilizá-los como fonte para o nosso estudo.

Nesse sentido, ao longo da leitura, percebemos que: a literatura, a imprensa e a consciência feminista surgiram quase ao mesmo tempo no país, ainda durante o século XIX. O jornal *A Família* fez com que as vozes antes silenciadas fossem ouvidas, em razão de que foram apagadas da obra dramaturgica oitocentista, o memoricídio, foi a tentativa de eliminar da história a memória de várias mulheres escritoras, deixando apenas a figura masculina como principal personagem da história.

Por isso, através do jornal conseguimos não só ouvir as vozes femininas que escreviam na época, mas analisar como a busca pelos direitos femininos estava crescendo e ganhando

forma dentro da imprensa. O material do jornal nos possibilitou pensar para além dele, de modo que fossem analisadas todo o amplo conjunto por trás, como a chegada da República, as demandas e frustrações femininas com o novo regime, as armas escolhidas pelas senhoras para reivindicar e protestar contra o sistema patriarcal, e as principais táticas de sobrevivência para fazer circular o jornal e sua propaganda.

REFERÊNCIAS

FONTES

- AO PARTIDO republicano brasileiro. *O Cacheirano*, Espírito Santo, p. 1, 2 jun. 1889.
- A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO. *A Família*. São Paulo, p. 8, 8 dez. 1888.
- AZEVEDO, Josephina Álvares de. *A Família*. São Paulo, p. 2, 18 nov. 1888a.
- AZEVEDO, Josephina Álvares de. *A Família*, São Paulo, p. 2, 18 nov. 1888b.
- AZEVEDO, Josephina Álvares de. *A Família*, São Paulo, p. 2, 18 nov. 1888c.
- AZEVEDO, Josephina Álvares de. *A Família*. São Paulo, p. 1, 18 nov. 1888d.
- AZEVEDO, Josephina Álvares de. *A Família*. São Paulo, p. 1, 18 nov. 1888e.
- AZEVEDO, Josephina Álvares de. *A Família*. Rio de Janeiro, p. 1, 30 nov. 1889a.
- AZEVEDO, Josephina Álvares de. *A Família*. Rio de Janeiro, p. 1, 30 nov. 1889b.
- AZEVEDO, Josephina Álvares de. Educação da mulher. *A Família*. Rio de Janeiro, ed. especial. p. 2, 1889.
- AZEVEDO, Josephina Álvares de. *A Família*. Rio de Janeiro, p. 1, 30 nov. 1889c.
- AZEVEDO, Josephina Álvares de. O direito de voto. *A Família*. Rio de Janeiro, p. 1, 19 abr. 1890.
- MANIFESTO: aos nossos concidadãos. *A Republica*. Rio de Janeiro, p. 1, 3 dez. 1870.
- THIBAU, Antenor. O voto feminino. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 5, 27 fev. 1918.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACERVO VALÉRIA ANDRADE SOUTO-MAIOR. Josephina Álvares de Azevedo, retratada por L. Amaral. 1 fotografia. Disponível em: https://plural.digitalia.com.br/images/stories/numero008/Valeria_Andrade/Ilustracao_4.jpg Acesso em: 4 out. 2022.
- ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL. Exemplar do jornal *A Família* do ano 1888. 1 fotografia. Disponível em: <https://blogdabn.files.wordpress.com/2017/03/a-familia.jpg?w=584>. Acesso em: 4 out. 2022.
- ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL. Edição especial do jornal *O Cacheirano*, em homenagem a chegada da República no Brasil, no ano de 1889a. 1 fotografia. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217719&pesq=&pagfis=2013>. Acesso em: 6 jan. 2023.

ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL. Edição especial do jornal *A Família* em homenagem a sua redatora no ano 1889b. 1 fotografia. Disponível: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pesq=mulher&pagfis=297>. Acesso em: 7 dez. 2022.

ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL. Novo título do jornal *A Família*, nº 31 de 1889c. 1 fotografia. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pesq=mulher&pagfis=221>. Acesso em: 20 fev. 2023.

ARAS, Lina Maria Brandão de; MARINHO, Simone Ramos. A imprensa feminina: normatização da conduta feminina nos jornais para mulheres (Bahia, 1860-1917). *Historiæ*, Rio Grande, v.3 n.2, p. 96-115, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2591>. Acesso em: 24 nov. 2022.

AZEVEDO, Josefina Álvares de. **A Mulher Moderna**: trabalhos de propaganda. Brasília: Senado Federal, Secretaria de Editoração e Publicações – SEGRAF, 2018.

BUITONI, Dulcília H. Schroeder. **A Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1986.

CAMPOI, Isabela Candeloro. Entre a imprensa e o teatro: a defesa do sufrágio feminino no jornal *A Família* (1888-1890) e na peça *O voto feminino* (1890). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: Associação Nacional de História, 2015. p. 1-17. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427667859_ARQUIVO_TextoCompletoAnpuh2015.pdf. Acesso em: 30. jan. 2023.

CARULA, Karoline. A imprensa feminina no Rio de Janeiro nas décadas finais do século XIX. **Estudos Feministas**: Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 226-279, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/49CgFNgtFv63sbqkzL7hbXy/?lang=pt>. Acesso em: 20 dez. 2022.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **Nação e Cidadania no Império**: Novos Horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CAVALCANTE, Caroline Pazini. **Hemeroteca do Ignoto**: as vozes das mulheres nos jornais *A família* e *A camélia*. 2017. Trabalho de Conclusão do Curso (Especialização em Mídia, Informação e Cultura) - Universidade de São Paulo: São Paulo, 2017. Disponível em: http://celacc.eca.usp.br/pt-br/tcc_celacc/hemeroteca-ignoto-vozes-das-mulheres-jornais-familia-camelia. Acesso em: 31 mar. 2022.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1 Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CUNHA, Karolina Dias da. As mulheres brasileiras no século XIX. In: **Anais do Encontro Nacional do Gt gênero/Anpuh**. 2014, Espírito Santos. Anais Eletrônicos [...]. (UFES). Disponível em: <https://legpv.ufes.br/anais-engenero-i>. Acesso em: 21 dez. 2022.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 17, n. 49, p. 151-172, set./dez. 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>. Acesso em: 30 mar. 2022.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa Feminina e Feminista no Brasil: Século XIX: Dicionário Ilustrado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Vidas de romance: mulheres e o exercício de ler e escrever no entre-séculos (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: Historiografia e pesquisa. **Proj. História**. São Paulo, v.10, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12105>. Acesso em: 10 jan. 2023.

KARAWEJCZYK, Mônica. Josefina Alvares De Azevedo e a peça teatral o voto feminino: a escrita como instrumento de luta. **Revista Travessias**, Cascavel, v. 12, n. 1, p. 314 – 335, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/19183>. Acesso em: 5 jan. 2023.

LIMA, Barreto. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. Lisboa: Livraria Clássica Editora A. M. Teixeira & C. 1909.

MOURA, Nayara Aparecida. A Primeira Onda Feminista no Brasil: uma análise a partir do jornal “A Família” do século XIX (1888-1894). **Praça: Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**: Recife, v. 2, n. 2, p. 62-86, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/praca/article/view/241600/32722>. Acesso em: 6. jan. 2023.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 11, p. 225-233, jan. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013>. Acesso em: 31 mar. 2022

OLIVEIRA, Karine da Rocha. **Josephina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal A Família**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Programa Nacional de Apoio à Pesquisa, 2009. Disponível em: https://antigo.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao//josefina-alvares-azevedo-voz-feminina-seculo-xix-atraves//karine_da_rocha.pdf. Acesso: 31 mar. 2022.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Tradução-Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy.; SANTOS, Nádia Maria Weber.; ROSSINI, Miriam de Souza. (Orgs). **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em História Cultural**. Porto Alegre, Asterisco, 2008.

PESSANHA, Andréa Santos da Silva. **O Paiz e a Gazeta Nacional: Imprensa republicana e abolição**. Rio de Janeiro. 1884-1888. Tese de Doutorado. (Instituto de ciências humanas e filosofia – Programa de Pós-graduação em História) – Universidade Federal Fluminense – RJ, 2006. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2006_PESSANHA_Andrea_Santos_da_Silva-S.pdf. Acesso em: 15 jan. 2023.

PRIORE, Mary Del. **Sobreviventes e Guerreiras**: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000. São Paulo: Planeta, 2020.

REIS, Jocemir Moura dos. **Arte de existir, imprensa feminina e educação**: Josephina Álvares de Azevedo (1888-1894). 2019. Dissertação de Mestrado. (Faculdade de Educação e Humanidades. – Programa de Pós-graduação em História da Educação) – Universidade do Rio de Janeiro: RJ, 2019. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/10515>. Acesso em: 20 fev. 2023.

REZZUTTI, Paulo. **Mulheres do Brasil**: a história não contada. Rio de Janeiro, LeYa, 2018.

RIBEIRO, Cristiane. Venha o voto feminino: embates travados na imprensa periódica oitocentista no Rio De Janeiro. **Revista Espacialidades**: UFRN. [online]. v. 13, n. 1. pp 88-106. 2018. Disponível em: <https://cchla.ufrn.br/espacialidades/v13/2018-dossie04.pdf>. Acesso em: 20 fev.2023.

ROCHA, Olivia Candeia Lima. **Mulheres, escrita e feminismo no Piauí (1875-1950)**. 2011. Dissertação de Mestrado. (Curso de História – Programa de Pós-graduação em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. *In*: **História da vida privada no Brasil 3**: República: da belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SILVA, Laila Correia e. O direito ao voto feminino no século XIX brasileiro: a atuação política de Josephina Álvares de Azevedo (1851-1913). **Aedos**, Porto Alegre, v. 10, n. 23, p. 114-131, dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/87365/52149>. Acesso em: 5 out. 2022.

SILVA. Laila Thaís Correia e. “Dos projetos literários dos ‘homens de letras’ à literatura combativa das ‘mulheres de letras’: imprensa, literatura e gênero no Brasil de fins do século XIX”. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia-MG, v. 30, n. 1, p. 204-222, jan./jun. 2017. DOI: 10.14393/CEF-v30n1-2017-12. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/37010>. Acesso em: 5 out. 2022.

SILVA, Marcelo Medeiros da; VILELA, Josivânia da Cruz. VOZES DE OUTRORA: A poesia de autoria feminina no brasil do entresséculo (XIX/XX). **IPOTESI**, Juiz de Fora, v.23, n.1, p. 98-112, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/29012>. Acesso em: 3 dez. 2022.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro, Editora Mauad, 1999.

SOMENSARI, Paula da Silva. **Francisca Senhorinha da Motta Diniz**: Imprensa e projetos de emancipação feminina no Brasil (1873-1890). Trabalho de Conclusão de Curso – (Licenciatura em Ciências Sociais. Escola De Filosofia, Letras e Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/61715>. Acesso em: 27 fev. 2023.

SOUTO-MAIOR, Bárbara. “**Senhoras do seu destino**”: Francisca Senhorinha da Motta Diniz e Josephina Alvares de Azevedo – projetos de emancipação feminista na imprensa brasileira (1873-1894). Dissertação de Mestrado. (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-17122013-125852/publico/2013_BarbaraFigueiredoSouto_VCorr.pdf. Acesso em: 19 jan. 2023.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. *In*: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 336-370.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão a liberdade: dimensões de uma privacidade possível. *In*: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**: República: da Belle Époque à Era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 49-131.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA “JOSÉ ALBANO DE MACEDO”

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
- () Dissertação
- (x) Monografia
- () Artigo

Eu, Luana Moura Santos, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação “DE CRIATURAS A CRIADORAS”: O jornal A Família, de Josephina Álvares de Azevedo (São Paulo e Rio de Janeiro, 1888-1894), de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 12 de Abril de 2023.

Luana Moura Santos

Assinatura

Assinatura